



Hélder Filipe Rodrigues Ferreira

**Sensibilização e capacitação de jovens e
adultos desempregados para o
empreendedorismo**

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia, sob orientação do
Professor Doutor Pedro Hespanha, apresentado à Faculdade de Economia da
Universidade de Coimbra

Coimbra, 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Hélder Filipe Rodrigues Ferreira

**Sensibilização e capacitação de jovens e
adultos desempregados para o
empreendedorismo**

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia, sob orientação do Professor Doutor Pedro Hespanha, apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Coimbra, 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Hélder Filipe Rodrigues Ferreira

**Sensibilização e capacitação de jovens
e adultos desempregados para o
empreendedorismo**

Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia, sob orientação do Professor Doutor Pedro Hespanha, apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Coimbra, 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Imagem de capa editada de imagem original disponível em: <http://www.ijgis.com/wp-content/uploads/2014/04/sldLg-studioideas.jpg>

O esforço dos anos académicos dedico-o a duas das pessoas mais importantes:

À minha irmã e afilhada Adriana

À minha Sobrinha e afilhada Lurdinhas

AGRADECIMENTOS

Todo o ser humano tem sonhos que motivam os passos a dar no dia-a-dia. Por vezes acontecem coisas na vida que nos fazem esquecer disso e a afastarmo-nos daquilo que nos realiza e define quem realmente somos.

A vida académica é um percurso muito exigente e trabalhoso mas confere muitas aprendizagens que vão para lá dos pressupostos teóricos de uma área disciplinar. Foi neste percurso que tive a oportunidade de conhecer algumas pessoas especiais que me motivaram, e me ajudaram verdadeiramente. A pessoa mais especial que encontrei neste percurso foste tu Joana Machado. Volvidos cinco anos do término da licenciatura, os momentos que vivemos nem o tempo nem a distancia me farão esquecer.

Um enorme obrigado à Maria Moreira pela amizade pelo estímulo. À Zita Rodrigues, por estares sempre para mim nos momentos mais difíceis. Ao Ricardo Vieira e Milton Pedrogam, grandes amigos que estão sempre a dar-me força e fé para o presente e para o futuro. À minha amiga Graça Pina pelo apoio incondicional dado nesta ultima etapa.

A ti Pedro, por me acompanhares nos momentos de insegurança e de dúvida deste caminho tão incerto.

Aos professores desta Academia especialmente Paulo Peixoto, Arriscado Nunes, André Brito Correia. Ao professor Pedro Hespanha, pelo apoio, pela dedicação e todo o esforço na concretização deste relatório.

À Doutora Carla Fernandes por me ter acolhido no local de estágio e por me ter apoiado em todas as circunstâncias. À Dr.^a Sandra, à Dr.^a Filipa, ao Dr. Sérgio e à minha colega estagiária de psicologia a Susana.

A todos os Elementos do Clube de Alunos EFTA- Aveiro e do Grupo Artes de Coração. À Dr.^a Vânia Ferrão pela boa disposição e carinho com que sempre fui acolhido.

Agradeço à minha família pelo apoio, muito importante em alguns dos momentos mais difíceis, especialmente à minha tia Lurdes que sempre acreditou em mim

Por fim, com soberana importância a minha maninha Adriana por tudo aquilo que ao nasceres despertaste na minha vida. És a principal razão de eu estar aqui hoje. Obrigada a todos aqueles que não mencionei, mas que sabem que têm uma importância especial na minha vida.

A todos os outros amigos, pelas carinhosas palavras de incentivo;

Hélder Ferreira

RESUMO

O objetivo deste relatório recaiu na análise da importância percebida em ações de sensibilização para o empreendedorismo aplicadas junto de jovens e de pessoas em situação de desemprego do concelho de Aveiro com que tive a possibilidade trabalhar durante o estágio. A pertinência do estudo reside na análise da importância atribuída ao empreendedorismo sobretudo focado no contexto de alunos do ensino profissional inseridos no clube de Alunos e no Grupo Artes de Coração onde se inserem pessoas adultas em situação de desemprego, no desenvolver de atividades ocupacionais. Estes grupos afiguram-se como promotores de aquisição de novas competências, em alternativa ao ensino convencional, à incorporação de maiores oportunidades de integração, no caso dos primeiros e de reintegração no caso dos segundos, em contexto profissional.

Tratando-se de um estudo exploratório no quadro de um estágio académico optamos por uma abordagem de carácter qualitativo tendo sido entrevistados os técnicos que atuam na sensibilização e capacitação para o empreendedorismo e alguns membros dos dois grupos enquanto público-alvo.

Como principais conclusões pudemos verificar pelos discursos recolhidos que: estes indivíduos através de iniciativas de cariz solidário e ocupacional são capacitados para uma atitude empreendedora. Pode verificar-se que ao longo das atividades desenvolvidas com estes grupos, os seus membros tornam-se pessoas mais aptas, autónomas, confiantes, criativas, aprendem a fazer diferente e a empreender, descobrindo competências anteriormente ignoradas. As ações de sensibilização e promoção de saberes empreendedores revelam-se essenciais nestes públicos, visto que além de constituírem suporte de saber e capacidades, também são uma orientação mais eficaz nas atividades desenvolvidas. Para os indivíduos entrevistados a aprendizagem obtida poderá constituir uma ferramenta promotora de projetos de vida mais empreendedores.

Palavras-chave: sensibilização/ educação, empreendedorismo, competências, (re)integração profissional, jovens do ensino profissional e pessoas desempregadas

ABSTRACT

The aim of this study fell in the analysis of the perceived importance of actions to raise the awareness of entrepreneurship applied to young people and unemployed persons in the municipality of Aveiro with whom I had the chance to work during the internship. The significance of the study lies in the analysis of assigned primarily focused on entrepreneurship in the context of vocational students entered into the club and the Arts Students Group Heart in which they operate unemployed people in developing occupational activities. These groups appear to be as promoters to acquire new skills as an alternative to formal education, and the incorporation of greater opportunities for integration in the case of the first and reintegration in the case of the latter, in a professional context.

Being a qualitative study the professionals responsible for motivation towards entrepreneurship as well as some members of these groups were interviewed.

The main conclusion that we could identify: is that these individuals through initiatives of solidarity and occupational nature are trained to an entrepreneurial attitude. We noticed that they become most capable, independent, confident, creative people, they learn to do things differently and to undertake, discovering skills previously ignored. The raising motivation and promotion of entrepreneurial knowledge in these people emerges as key, as well as being knowledge and skills support, are also more effective guidance in developing such activities. For respondent the learning obtained can be a tool for promoting more entrepreneurial life projects.

Keywords: awareness/ education, entrepreneurship, skills, (re) integration, youth vocational education, and unemployed

RESUMEN

El objetivo de este estudio recae en el análisis de la importancia observada en determinado tipo de acciones de sensibilización sobre el espíritu empresarial aplicadas a jóvenes estudiantes de cursos profesionales y personas en situación de desempleo en el municipio de Aveiro con quien tuve la oportunidad de trabajar durante el ejercicio de mis prácticas tuteladas. La relevancia de dicho estudio radica en intentar analizar la importancia atribuida al espíritu emprendedor en el contexto de estudiantes de formación profesional incluidos en el llamado "Club de Alumnos", así como el denominado grupo "Artes del Corazón" en los que están integradas personas en situación de desempleo al cuidado de programas ocupacionales. Estos grupos se figuran ellos mismos como promotores de la adquisición de nuevas habilidades y conocimientos como alternativa a la educación formal; todo ello con miras a una mayor oportunidad de integración en el ambiente laboral en el caso de los primeros así como la reintegración laboral si hablamos del segundo grupo; todo esto dentro de un contexto meramente profesional.

Al ser un estudio cualitativo se procedió a entrevistar a los técnicos que trabajan en áreas de sensibilización y formación al espíritu emprendedor; así como a los miembros integrantes de dichos grupos a los cuales está dirigido este tipo de programas.

Entre las principales conclusiones a las que podemos llegar una vez recogidas y analizadas dichas entrevistas están, entre otras, la constatación por parte de los individuos a los que este tipo de iniciativas de apoyo y formación se destinan sean de un grupo o del otro de estar mejor capacitados y predispuestos a ser personas con una actitud emprendedora. Se puede identificar en las actividades que fueron desarrolladas con estos grupos, que sus integrantes se volvieron personas más capaces, independientes, confiantes, creativas. Por así decirlo, aprenden a hacer diferente y a llevar a cabo cualquier tarea; dejando al descubierto habilidades que ellos mismos desconocían e inclusive que pensaban no poseer. La sensibilización y la promoción del conocimiento de un espíritu emprendedor surge como clave en estas personas, además de estar respaldado por los conocimientos y capacidades, son también una orientación más efectiva en el desarrollo de dichas actividades. Para los entrevistados, el aprendizaje obtenido, puede constituir una herramienta para la promoción de proyectos en el ámbito de una visión emprendedora

Palabras Clave: Sensibilización/ Educación, Espíritu Emprendedor, Capacitación, (re) integración, Estudiantes de Formación Profesional, Desempleados.

Índice

<i>Dedicatória</i>	<i>ii</i>
<i>Agradecimentos</i>	<i>iii</i>
<i>Resumo</i>	<i>iv</i>
<i>Abstract</i>	<i>v</i>
<i>Resumen</i>	<i>vi</i>
<i>Índice</i>	<i>viii</i>
<i>Índice de Siglas</i>	<i>x</i>
<i>Introdução</i>	<i>11</i>
<i>Parte 1 Enquadramento teórico: Educação e sensibilização para o Empreendedorismo.....</i>	<i>13</i>
<i>1.1 Preambulo da temática da sensibilização e capacitação empreendedoras</i>	<i>13</i>
<i>1.2 O empreendedorismo</i>	<i>15</i>
<i>1.3 Uma abordagem articulada entre empreendedorismo e inovação.....</i>	<i>18</i>
<i>1.4 Educação e sensibilização para o empreendedorismo: experiencias propulsoras</i>	<i>21</i>
<i>1.5 Educação e sensibilização: reconhecendo a construção de saberes</i>	<i>27</i>
<i>1.6 O Empreendedorismo social no Combate à Pobreza e exclusão social</i>	<i>31</i>
<i>Parte 2 Caraterização da Instituição de Acolhimento</i>	<i>34</i>
<i>2.1Cáritas Diocesana de Aveiro</i>	<i>34</i>
<i>2.2 Características socioeconómicas da população concelhia</i>	<i>35</i>
<i>2.3 Características do público-alvo Cáritas Diocesana de Aveiro</i>	<i>36</i>
<i>2.4 O Projeto RiAgir</i>	<i>39</i>
<i>Parte 3 Itinerário Metodológico</i>	<i>41</i>
<i>Parte 4 Desenvolvimento do Estágio</i>	<i>42</i>

4 Objetivos do estágio e tarefas realizadas na concretização dos objetivos	42
4.1 Caracterizar a entidade acolhedora	43
4.2 Conhecer e colaborar com a aplicação de ações inerentes aos quatro eixos de intervenção dos contratos locais de desenvolvimento social concretizados no âmbito do projeto RiAgir	44
4.3 Desenvolver os procedimentos inerentes à implementação das ações promovidas no âmbito dos quatro eixos, acima referidos especialmente no âmbito do eixo III.- Capacitação da comunidade e das instituições	46
4.4 Colaborar na capacitação dos mais jovens para o empreendedorismo e inovação social, bem como mobilização e dinamização comunitária, inerente à ação "Vês é a nossa Vez" do Eixo III.	56
Parte 5 Análise E Interpretação Dos Dados Recolhidos	59
PRINCIPAIS CONCLUSÕES	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
ANEXOS	
<i>Anexo A- Guiões de Entrevista</i>	
<i>Anexo B- Entrevistas Realizadas</i>	

Índice de Siglas

CAT-Centro de Acolhimento Temporário

CAT-Centro de Alojamento Temporário

CMJ- Casa Municipal da Juventude

CLASA-Conselho Local de Ação Social do Concelho de Aveiro

CLDS-Contratos locais de Desenvolvimento Social

CSPNSF- Centro social e Paroquial de Nossa senhora de Fátima

DSCA-Diagnóstico Social do Concelho de Aveiro

EFTA- Escola de Formação Profissional em Turismo de Aveiro

E 1-Entrevistado 1

E 2-Entrevistado 2

E 3-Entrevistado 3

E 4-Entrevistado 4

E 5-Entrevistado 5

E 6-Entrevistado 6

E 7-Entrevistado 7

E 8-Entrevistado 8

GAC- Grupo Artes de Coração

IEFP- Instituto de Emprego e formação Profissional

IPDJ- Instituto Português do Desporto e da Juventude

ISS- Instituto de Segurança Social

PECA-Plano Estratégico do Concelho de Aveiro

POPH-Programa Operacional Potencial Humano

PDS- Plano de Desenvolvimento Social

INTRODUÇÃO

A realização do presente relatório surge na sequência do estágio curricular desenvolvido na Cáritas Diocesana de Aveiro no âmbito do Contrato Local de Desenvolvimento Social de Aveiro designado como Projeto RiAgir. Este estágio teve uma maior incidência no âmbito da sensibilização e formação de competências empreendedoras, inserido em ações de capacitação das pessoas, comunidades e instituições.

O estágio decorreu no período compreendido entre 6 de Janeiro de 30 de Abril de 2014, tendo em vista a obtenção do grau de mestre em Sociologia. A sua realização contou com a supervisão da Dr.^a Carla Fernandes por parte da entidade acolhedora e do Professor Doutor Pedro Hespanha, como orientador da FEUC.

O Projeto RiAgir CLDS tem quatro eixos estratégicos de atuação: Eixo1- Emprego, Formação e Qualificação; Eixo 2- Intervenção Familiar e Parental; Eixo 3- Capacitação da comunidade e das instituições; e Eixo 4- Informação e acessibilidades, tendo o estágio incidido sobretudo nos Eixos 2 e 3. O pressuposto de realização deste estágio curricular foi o de estabelecer um contacto direto com o mercado de trabalho, consolidar e complementar alguns conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação académica e, simultaneamente, trabalhar em equipa. A minha condição de sociólogo é suposto permitir abordagem mais ampla e contextualizada do problema do desemprego e das respostas a esse problema pela via da intervenção social.

Posto isto, os principais objetivos delineados conjuntamente com a entidade acolhedora centraram-se em:

- Conhecer e colaborar com a aplicação de ações inerentes aos quatro eixos de intervenção dos contratos locais de desenvolvimento social concretizados no âmbito do projeto e das instituições;
- Colaborar na capacitação dos mais jovens para o empreendedorismo e inovação social, bem como mobilização e dinamização comunitária, inerente à ação "Vês é a nossa Vez" do Eixo 3; RiAgir;
- Desenvolver os procedimentos inerentes à implementação das ações promovidas no âmbito dos quatro eixos, acima referidos especialmente no âmbito do eixo 3 Capacitação da comunidade
- Aprofundar o conhecimento sobre a população abrangida por estas ações.

Para a prossecução destes objetivos as tarefas previstas eram:

- Caracterizar a entidade acolhedora;
- Conhecer e caracterizar a população-alvo, preparar e desenvolver atividades com a população-alvo, acompanhar todos os procedimentos de intervenção, reuniões de Equipa, espaços temáticos, aprofundar conhecimentos relativos a temática da capacitação e do empreendedorismo;
- Apoiar a equipa técnica interna do Projeto RiAgir, participando ativamente nas atividades preparatórias e na execução de ações previstas no âmbito dos quatro eixos de intervenção que norteiam as atividades do projeto;
 - Desenvolver atividades, inerentes aos quatro eixos de intervenção, focando o trabalho desenvolvido na Ação: "Vês? É a nossa Vez" e na Ação: " Espaço Total", inerente ao "Eixo 3 - Capacitação da comunidade e das instituições."

Este relatório estrutura-se em cinco partes. A parte 1 pretende dar conta do enquadramento teórico da Educação e sensibilização para o Empreendedorismo; a Parte 2 pretende fornecer a caracterização da Instituição de Acolhimento. Na parte 3 iremos debruçar-nos sobre o Itinerário Metodológico que norteou este estudo. A Parte 4 será reservada à descrição das atividades realizadas e a parte 5 recai no tratamento e análise dos dados recolhidos pelas entrevistas realizadas. Por fim, apresentarei as conclusões e as ilações a retirar desta investigação, bem como as eventuais pistas ou estratégias futuras articuladas com as questões teóricas que delinearão este estudo, tendo sempre em conta a perspetiva da sociologia sobre os problemas e as formas de intervenção escolhidas. A metodologia utilizada para a concretização dos objetivos e do presente relatório de estágio baseou-se essencialmente na recolha e tratamento de literatura de referência sobre a problemática, na análise de documentos eletrónicos e outros relacionados com as principais temáticas abordadas ao longo do estágio e por fim o recurso a entrevistas.

Parte 1| Enquadramento teórico: Educação e sensibilização para o Empreendedorismo

1.1 O preambulo à temática da sensibilização capacitação empreendedoras

O mundo atual tem assistido a uma rápida transformação, produtora de novas dinâmicas que coloca grandes desafios à sociedade portuguesa. Nas últimas décadas, o tema do empreendedorismo tem vindo a ganhar maior destaque por parte de políticos, de investigadores e da sociedade em geral. Este facto deve-se à importância que o empreendedorismo tem vindo a adquirir enquanto prática e atitude ao nível do bem-estar social, do desenvolvimento sustentado das economias e do emprego.

Os desafios colocados ao objetivo do bem-estar social e do desenvolvimento sustentável das economias têm vindo a impulsionar uma conjugação de esforços ao nível da educação e da formação com resultados positivos. Todas as pessoas que passam por processos formativos tornam-se cidadãos mais capazes de exercer o seu papel, pois a educação é suporte essencial da formação das pessoas capacitando os indivíduos inclusivamente no que concerne a defesa dos seus direitos cívicos, sociais, económicos, e culturais. A importância da capacitação para o empreendedorismo adquire um papel cada vez mais preponderante, sobretudo, no contexto do ensino profissional para jovens à procura do primeiro emprego e desempregados em idade adulta, visando promover uma mudança positiva nas vidas das pessoas através das práticas de educação e sensibilização.

A atualidade da problemática da reintegração profissional de indivíduos em situação de desemprego ou da integração profissional dos jovens que terminam os seus estudos, constituem o ponto de partida desta pesquisa, inserido no contexto dos desafios atuais. O principal objetivo deste estudo, é compreender a relevância que é dada à aquisição de competências empreendedoras por indivíduos inseridos em ações de sensibilização para o empreendedorismo, nomeadamente em grupos de jovens e grupos de desempregados, envolvidos em ações de cariz solidário e ocupacional de tempos livres.

Mesmo em constante mudança, a sociedade portuguesa continua a alimentar ideias preconcebidas que influem na leitura da realidade, nomeadamente no que concerne o desemprego. Este é um problema de todos nós e não somente da população que se encontra diretamente nessa situação ou a população que se encontra indiretamente

envolvida com esta realidade, como familiares, e educadores entre outros. Quando nos referimos a práticas e contextos de integração ou reintegração profissional (no caso dos desempregados) é indispensável observar as limitações e os constrangimentos enfrentados. Com este estudo aspira-se indagar a importância percebida do desenvolvimento de competências, através de ações de sensibilização e capacitação empreendedoras, como forma de potenciar e valorizar as competências dos jovens e das pessoas adultas em situação de desemprego. A atitude empreendedora está estreitamente ligada à inovação. Empreender implica, assumir riscos mas não apenas o de criar uma empresa, saber como o fazer, planejar, calcular oportunidades e ameaças. Implica sobretudo ter uma atitude independente da opção ou não pela criação de uma organização. Essa atitude resume-se a estar constantemente em busca de novos caminhos e novas soluções, tendo sempre em vista as necessidades das pessoas.

Pensar a inovação no âmbito desta pesquisa é essencialmente tentar recolher contributos que permitam propor melhorias ao nível das respostas de apoio àquilo que é a promoção de competências necessárias, para que a integração ou reintegração destes públicos no mercado de trabalho ou para que esta sensibilização seja propiciadora de novas possibilidades e modificação de formas de estar: “Em geral, a inserção pretende constituir um espaço intermédio entre o emprego assalariado e a atividade social naqueles casos em que as políticas indemnizatórias falham. Para tal, ela reveste-se de um conjunto de características que são inovadoras e que marcam a diferença relativamente às políticas sociais clássicas.” (Hespanha, 2008: 1) Ainda de acordo com o autor citado os novos modelos de intervenção social “baseiam-se em novos pressupostos e novas metodologias: a abordagem por projeto, a ação descentralizada e partilhada, a personalização e contratualização das respostas.” (idem:4)

O projeto é a nova abordagem de intervenção que se demarca da forma tradicional de atuação autónoma do Estado que atua numa “lógica sectorial e centralizada são financiados pelo orçamento geral do Estado e submetidos a uma estrutura hierárquica de responsabilidades [...]os projetos integrados correspondem a um modelo de regulação partilhada entre o Estado e a sociedade, são suportados por fundos de proveniência pública e privada e submetidos a uma estrutura mais autónoma de responsabilidades.” (idem:4)

Considera-se assim impreterível a intervenção junto deste público tendo em conta o seu contexto mobilizando as suas aptidões e recursos em ambiente escolar e comunitário, com o intuito de minimizar as discrepâncias entre as habilitações e as exigências do mercado de trabalho. É neste âmbito que surgem as ações promovidas pelo Projeto RiAgir em contexto escolar no âmbito do clube de alunos da Escola de Formação Profissional em Turismo de Aveiro e comunitário como é o caso dos projetos levados a cabo pelo grupo Artes de Coração, mais recentemente fundado com o acompanhamento do Projeto RiAgir.

1.2 O empreendedorismo

Com o intuito de aprofundar o conhecimento acerca do empreendedorismo em Portugal, concretamente perceber os impactos das ações de sensibilização/ educação para o empreendedorismo, percecionados pelos jovens e adultos desempregados, ao nível do desenvolvimento de competências empreendedoras, surge pertinente a definição do conceito de empreendedorismo, bem como identificar a relevância da sensibilização/ educação para este.

O conceito de empreendedorismo é polissémico. Contudo, um dos aspetos que à partida reúne consenso é a relação do empreendedorismo com a criação de empresas, com aspetos inovadores (Sarkar, 2010).

Atualmente, o conceito de empreendedorismo é heterogéneo e tem sido utilizado e interpretado em diversos contextos (cf. Say; Schumpeter; Drucker; Stevenson, *apud* Dees, 2011).

A palavra empreendedora tem origem francesa e refere-se àquele que assume riscos e começa algo novo. Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. A adequada implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso. Para o termo “empreendedor” existem muitas definições, mas uma das mais antigas e que talvez melhor reflita o espírito empreendedor é de Joseph Schumpeter (1949):

“O empreendedor é aquele que destrói a ordem económica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais.” (Schumpeter, *apud* Dornelas, 2001: 16)

De acordo com Dornelas, o empreendedor é um eminente identificador de oportunidades, sendo um indivíduo atento às informações, que reconhece no maior conhecimento a melhoria das oportunidades, possui iniciativa para criar um novo negócio e paixão pelo que faz, emprega os recursos disponíveis de forma criativa, transformando o ambiente social e económico envolvente, assume os riscos calculados e a possibilidade de fracasso. (Dornelas, 2001)

O processo empreendedor envolve, em primeiro lugar, o processo de criação de valor acrescido. Em segundo, requer a entrega de tempo e o esforço necessários para fazer o projeto crescer. Em terceiro lugar é preciso, que sejam assumidos riscos calculados e tomadas decisões. Para ser empreendedor é preciso ousadia e persistência apesar de erros e insucessos. O empreendedor revolucionário é o indivíduo que cria algo único. No entanto, a maioria dos empreendedores cria negócios de sucesso em mercados já existentes. Outros empreendedores são os que trabalham por conta de outrem em negócios já existentes, marcando a diferença ao nível das tarefas de que são responsáveis, mobilizando novos recursos e novas metodologias, produzindo mais-valias à organização em que trabalham. Muitos ainda apenas empreendem porque não encontram uma oportunidade de emprego no mercado de trabalho, que perderam ou desejariam encontrar.

Perante uma situação de desemprego de média ou de longa duração e após várias tentativas, sem sucesso, de inserção ou reinserção no mercado de trabalho o indivíduo procura alternativas ao trabalho assalariado por conta de outrem. Procura novas possibilidades, novas áreas onde tenha alguma competência para desempenhar uma função ocupando um posto de trabalho forçosamente criado por si. Em geral são atividades baseadas em experiências profissionais ou apetências pessoais a que procuram aliar á criação do autoemprego. Ao passo que, o empreendedor de oportunidade, é um indivíduo que possuindo recursos de outras atividades independentes, procura novas possibilidades de criar mais riqueza.

A ideia anteriormente exposta é corroborada nas palavras de Portela *et.al*, (2007)

” A bibliografia indica que a opção individual de construir uma empresa resulta de dois tipos de motivação de cariz económico. Por um lado, temos os indivíduos que, possuindo maior capital pessoal (v.g., capacidades empreendedoras e de gestão, menor aversão ao risco, informação e saber assimétrico acerca de tecnologias, processos, produtos e mercados, etc.), irão detetar precocemente uma dada oportunidade de negócio potencialmente lucrativa e acreditar que alcançarão maiores níveis de utilidade e rendimento caso se tornem empresários. Estes são os empreendedores da tradição schumpeteriana, indivíduos impelidos para o auto-emprego e responsáveis pelo dito empreendedorismo de oportunidade. Por outro lado, há quem se veja arrastado pelas circunstâncias e ouse criar uma empresa, não por identificar sagazmente a designada janela de oportunidade de negócio, mas por instante necessidade.” (Portela *et.al*, 2007: 31).¹

Além do empreendedorismo de necessidade e de oportunidade Sarkar afirma ainda a existência de outros tipos de empreendedorismo, nomeadamente: empreendedorismo, ético, de capital, eletrónico, familiar, comunitário, municipal, estatal, local, na terceira idade e em jovens (Sarkar, 2010).

O empreendedorismo tem sido reconhecido pelas organizações internacionais e designadamente pela União Europeia como de grande relevância na sociedade atual, associado à capacidade de inovação, iniciativa e criatividade, revelando-se impulsionador do emprego e do crescimento económico (Comissão das Comunidades Europeias, 2006; Redford, 2013).

Cada vez mais se torna necessário criar na sociedade um ambiente propício ao empreendedorismo, através de mudança de mentalidades, melhoria das competências e remoção dos obstáculos à criação e crescimento das empresas. A promoção do empreendedorismo e inovação é uma necessidade primordial e será uma das soluções no combate ao desemprego e conseqüentemente à pobreza em Portugal.

De acordo com a GEM Portugal (2011), a atividade empreendedora portuguesa atualmente encontra-se em 8º lugar entre as das 23 economias orientadas para a inovação, ficando a menos de cinco pontos percentuais de distância dos EUA que, são

¹¹ Nesta afirmação Portela *et.al*, 2007 baseia-se em Ferrão *et. al*. 2005:101-103

líderes entre os países com este tipo de economia e com uma vantagem de quase quatro pontos percentuais sobre a Eslovénia que, apresenta a menor taxa de atividade empreendedora das economias orientadas para a inovação (3,7%). O nível de empreendedorismo em Portugal não é maior em parte devido à cultura nacional, na medida em que a população ainda é relutante à assunção do risco. Pode verificar-se isso nas palavras de Monteiro que em 2009 enquanto presidente da ANGE afirmou: “ Isto significa que a pouca predisposição para arriscar não resulta tanto da falta de ideias ou de conhecimentos para iniciar um negócio, mas sim por questões culturais e comportamentais” (Monteiro, 2009).

Alguns autores valorizam esta diferença de atitudes face ao empreendedorismo nos diversos países. É o caso Sarkar (2010), ao distinguir a atitude dos europeus e dos americanos face ao empreendedorismo, com base no argumento de que os primeiros terem mais medo de falhar.

Surge assim a pertinência de se capacitarem os cidadãos presentes e futuros para o empreendedorismo.

1.3. Uma abordagem articulada entre empreendedorismo e inovação

No mundo atual perante o fenómeno de crescente globalização, a aplicação do termo empreendedorismo abarca ações inovadoras e ativas em todas as áreas da sociedade. Contudo, a natureza conceptual do empreendedorismo e o *modus operandi*, das pessoas empreendedoras, está longe de se ter uma definição unívoca e óbvia. Posto isto, surge cada vez mais relevante, perceber as determinantes que, incentivam ou restringem a postura empreendedora.

Como defende Bucha (2009) devemos alimentar na nossa vida quotidiana uma disposição empreendedora que se traduz na busca pelo saber que, por seu turno irá promover maiores competências de responder perante os desafios da realidade.

O empreendedorismo baseia-se no desenvolvimento de conhecimentos, que deve abranger constantemente novas áreas do saber imprescindíveis à melhoria da qualidade das tarefas que o individuo executa no seu contexto profissional, social ou pessoal

A relevância do estudo da temática do empreendedorismo é referida por diversos autores a nível mundial. Alguns autores e organizações além de defenderem a importância de estudar o empreendedorismo focam a sua atenção no estudo do conceito de empreendedorismo social. Deste modo, o papel da intervenção social está estreitamente associado ao termo empreendedorismo social. O empreendedorismo está articulado com noções como: mudança, desenvolvimento social e liderança. Ser empreendedor pressupõe ter como características o fervor, a motivação e o sentido de compromisso com a missão.

Os empreendedores inovam nas respostas que dão a uma determinada realidade. Gregory Dees, (2001) faz a distinção entre os empreendedores sociais e os empreendedores empresariais, os primeiros têm uma missão social com impacto na comunidade com vista a resolução de problemas sociais, enquanto os segundos ou direcionam os seus recursos para atividades mais economicamente produtivas ou não conseguem permanecer no mercado “Para os empreendedores sociais, a riqueza é apenas um meio para atingir um fim, enquanto para os empreendedores empresariais a criação de riqueza é uma forma de medir a criação de valor.”

Ainda segundo Dees (2001:3) há autores como Say, Shumpeter e Stevenson cuja ideia de empreendedorismo é mais facilmente aplicada tanto ao empreendedorismo social como a empreendedorismo empresarial, visto que as fronteiras sectoriais são cada vez mais ténues

O empreendedorismo reporta-se a uma disposição que caracteriza a pessoa empreendedora, sobretudo enquanto busca constante de novos saberes inerente ao próprio sujeito ou adquirida socialmente. Enquanto atitude, o empreendedorismo é percebido como a capacidade para a criação, reformulação, mobilização de meios, condutores a feitos inovadores. A área do empreendedorismo que conduz o presente estudo é a que pressupõe a obtenção e o desenvolvimento de competências empreendedoras, como o saber fazer, o saber pensar, o saber comunicar.

Perante uma realidade que não se compadece com as antigas formas de intervenção social, surge um novo modelo de intervenção social, vocacionado para a capacitação e promoção de competências nos indivíduos e no seio das comunidades. É neste âmbito que a sensibilização/ formação para o empreendedorismo adquirem um interesse incontornável. Esta nova forma de intervenção inova em toda a sua lógica porque aposta

no desenvolvimento de competências dos indivíduos e das comunidades e é geradora de desenvolvimento sustentável de caráter social, econômico, comunitário emancipando os indivíduos da intervenção do estado que cada vez é menos eficaz. Como afirma Sílvia Ferreira (2006) “além da capacitação individual e do enfoque no empreendedorismo social como o carro-vassoura dos fracassos do Estado e do mercado podemos entender o empreendedorismo social como um processo de transformação sistêmica.” (Ferreira. S, 2006)

De acordo com Drucker *apud* Leite, (2006) ser um empreendedor eficiente e eficaz implica um longo percurso que demanda competências intrínsecas ao indivíduo e competências técnicas.

Dornelas (2001:31) afirma, que o empreendedorismo é influenciado por fatores externos, ambientais e sociais, aptidões pessoais ou a um somatório dos dois tipos de fatores, que são essenciais no surgimento e no crescimento de um novo empreendimento.

O empreendedorismo além de ser norteado por uma orientação individual, associada às características individuais está também condicionado a elementos contextuais. Embora possam ser condicionados pelos fatores externos, estes indivíduos também tem forma de interferir e mudar os fatores externos que os envolvem. Assim, de acordo com Sílvia Ferreira (2006), “considerando que se, por um lado, existem constrangimentos sociais que ultrapassam a capacidade de ação de indivíduos ou grupos, por outro lado, existe por parte destes a capacidade de mudança dos contextos em que estão envolvidos” (Ferreira, 2006: 1).

O empreendedor revela uma atitude dinâmica e audaz perante a realidade, na qual concebe e prepara mudanças, como resposta a problemas inerentes a esse mesmo contexto. Assim pode associar-se ao empreendedorismo, o caráter de inovação patente na atitude de ver para lá da realidade, característica do empreendedor que desse modo reinventa a própria realidade apresentando alternativas ao sistema vigente, mudando mentalidades e modos de agir. O empreendedor tende constantemente a mobilizar os recursos existentes de forma diferente/ inovadora num processo condutor a uma nova realidade pretendida.

Assim, o verdadeiro desafio consiste em refletir acerca das práticas inovadoras que são desenvolvidas de forma constante como resposta ao estímulo que o ambiente lança a cada momento aos indivíduos. De acordo com Peter Drucker (1997) o empreendedor é alguém que transforma valores e produz inovação sistematicamente, num esforço também constante de identificar fontes de inovação que lhe permitam vislumbrar novas possibilidades, novos caminhos e novos processos.

Mais importante do que identificar de que forma é que as ideias dos empreendedores sociais são inovadoras, é identificar e compreender o processo que leva à concretização dessa ideia. A inovação social tem que ser constantemente pensada na medida em que a realidade não é sempre a mesma e cada momento requer novas respostas e cada ambiente tem necessidades específicas. Pelo que as respostas não devem ser todas iguais. Além disso, segundo André e Abreu (2006:129), outro motivo que leva pensar a inovação social, em cada momento é que quando esta inovação constitui uma solução reconhecida institucionalmente é assimilada passando a constituir uma prática quotidiana, na qual o seu caráter inovador se esbate.

1.4 Educação e sensibilização para o empreendedorismo: experiências propulsoras

A sensibilização e educação para o desenvolvimento de uma atitude empreendedora integram atualmente uma das estratégias da União Europeia e são elementos decisivos e inquestionáveis para uma Europa económica, social e culturalmente desenvolvida.

Pode verificar-se a importância atribuída à educação para o empreendedorismo nas alíneas 31 e 72 da Resolução do Parlamento Europeu, de 8 de Junho de 2011, sobre a cooperação europeia no domínio do ensino profissional em que é recomendado “que se dê um impulso à criatividade, à inovação e ao empreendedorismo em todos os níveis de ensino, incluindo a formação profissional,” e em que se afirma a importância crescente das “competências essenciais do ensino e formação profissionais, incluindo o empreendedorismo, as quais têm de ser promovidas desde o início do processo de educação das crianças;” (Jornal Oficial da União Europeia, 2011: 73 - 77)

Assim sensibilizar para o empreendedorismo afigura-se propulsor do crescimento futuro e gerador de um espírito empreendedor nos Cidadãos do amanhã.

Filion (2004) questiona: “pode-se ensinar empreendedorismo?”. A essa questão dá uma resposta afirmativa, porque o empreendedorismo e as suas práticas podem ser assimilados em qualquer idade. Mas o ensino do empreendedorismo necessita de uma construção pedagógica própria. O empreendedorismo aprende-se geralmente pela transmissão de valores, por osmose e por contactos permanentes com um empreendedor, em suma, por trocas de saber com aqueles que o praticam. (Filion, 2004:9)

A aprendizagem do empreendedorismo deve processar-se pelo desenvolvimento de uma relação pró-ativa, entre o indivíduo que aprende e o indivíduo que ensina, instigando à transformação.

Promover o empreendedorismo social nas escolas, por meio de ações educativas, produz a formação de novos cidadãos. Uma forma de concretizar isso é aproximar os alunos das realidades, quotidianas de alguns empreendedores da sua comunidade. É fazer com que esse aluno perceba como se comporta um empreendedor social.

A sensibilização e educação empreendedora é imprescindível no contexto dos atuais desafios da sociedade e do mercado de trabalho, porque suporta e propaga uma atitude nova geradora de mais possibilidades de atuação e de leitura da realidade. O empreendedorismo é encarado por alguns autores como uma nova filosofia de vida.

“A formação de empreendedores baseia-se em estimular o aluno a buscar e experimentar a inovação, criar coisas novas, deixar a mente fluir, as ideias correrem soltas até se transformarem em possíveis oportunidades.” (Bastos e Ribeiro, 2011)

A sensibilização de cidadãos para uma atitude empreendedora deve colocar a tônica na ideia que a individualização e as demandas do mercado não suplantam a importância da comunidade, da solidariedade, da identidade comunitária e na motivação comunitária. A educação para o empreendedorismo traz consigo um novo paradigma para a educação. Este paradigma novo vem fazer questionar a atitude formatada que o sistema de ensino veiculara até então. Este novo paradigma vem colocar a tônica na ideia de deixar fluir e aprofundar ideias que até então nem chegavam a ser expressas. Há que desenvolver o potencial de cada indivíduo, estimulado pelos caminhos desenhados por ele próprio. Esta ideia traduz uma nova postura potenciada e potenciadora de audácia, auto-responsabilização, valorização e a autoestima, elementares na promoção de

competências essencialmente empreendedoras, interferindo na forma como o indivíduo interage com os outros e com o seu meio.

O desenvolvimento de competências é decisivo para o bem-estar social dos indivíduos, percebendo-se mais capacitados diante de desafios e constrangimentos.

É muito importante ter em consideração que a atitude empreendedora e a obtenção das competências que lhe estão subjacentes devem começar muito cedo a acompanhar o percurso escolar e os contextos de formação informais.

“Ninguém aprende apenas através da memorização, mas sim percebendo o porquê do aparecimento dos conceitos e como se aplicam” (Bucha, 2009:133).

Entre outros autores, C. Pereira (2004), menciona que o paradigma da educação construtivista, é propício à mudança, no sentido em que os indivíduos concebem formas próprias de organização do conhecimento, rejeitando modelos de educação, onde a aprendizagem se baseava na repetição e acumulação de conhecimentos.

Entende-se como paradigma de educação construtivista o pressuposto de que o aluno participa ativamente na sua aprendizagem, mediante a experimentação, a pesquisa, o estímulo do sentido crítico e o desenvolvimento do pensamento e raciocínio, entre outros procedimentos. Rejeita a apresentação de conhecimentos acabados, o indivíduo aprende melhor quando toma parte ativa na construção do seu conhecimento.

Segundo Becker (1994), o construtivismo não é uma prática nem um método, e sim uma teoria que permite conceber o conhecimento como algo que não é dado e sim construído e constituído pelo sujeito através de sua ação e da interação com o meio. Assim, o sentido do construtivismo na educação diferencia-se da escola como transmissora de conhecimento, que insiste em ensinar algo já pronto através de inúmeras repetições como forma de aprendizagem. Na conceção construtivista a educação é concebida, como “um processo de construção de conhecimento ao qual acorrem, em condição de 5 complementaridades, por um lado, os alunos e professores e, por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído...” (Becker,1994:89).

De acordo com os autores supracitados Nobre (2004), alega que os novos desafios inerentes à educação como instrumento de mudança potenciam a construção deste novo

modelo de aprendizagem construtivista, constrói o saber de uma forma muito mais abrangente.

De acordo com este paradigma o ser humano não é totalmente dependente da influência do meio. Pelo contrário, interage com o meio ambiente respondendo aos estímulos externos, analisando, organizando e construindo o seu conhecimento.

Oliveira (2010:58) defende que o autoconhecimento e a autoestima são elementos primordiais no desenvolvimento de uma atitude empreendedora, influenciando tanto o processo cognitivo quanto as relações do indivíduo com o meio social. Ao reconhecer a sua individualidade e que através da realização dos seus sonhos, poderá cooperar no desenvolvimento da sua comunidade e libertar a sua capacidade criadora. Mas como educar para o empreendedorismo num sistema de ensino tradicional?

Na educação/ sensibilização para o empreendedorismo o que muda em relação ao ensino convencional é a posição do técnico como detentor do saber, assim como as estratégias para aquisição do saber empreendedor. Assim, quem sensibiliza para o empreendedorismo é o agente de educação. É ele quem irá preparar o caminho favorável para que as pessoas edifiquem o seu próprio conhecimento empreendedor. Mas como tornar isso uma realidade quando o transmissor desse conhecimento ainda está comprometido com padrões de uma cultura tradicional que ao invés de promover a realização das ideias, a subjetividade e a diversidade, formata as mentalidades dos seus cidadãos?

De acordo com Oliveira (2010: 58), a pedagogia empreendedora serve-se de recursos de uma cultura para subverter as estruturas dessa mesma cultura. A disseminação da atitude empreendedora assenta na preparação dos professores para reajustar a sua pedagogia à pedagogia empreendedora encontrando uma confluência de ambas de forma a aplica-la adequadamente aos públicos a que se dirige: o aluno, a escola, a comunidade.

No que concerne a educação empreendedora Dolabela (2008:15) defende: “Na introdução do conceito, recomendo a utilização do espaço curricular convencional. Depois, é importante que o empreendedorismo seja algo muito diverso do ensino convencional.”. Contrariamente ao ensino tradicional a educação para o empreendedorismo vê o professor/educador como o seu agente, onde ele irá preparar e

perspetivar um ambiente favorável para que o aluno/educando construa por si próprio esse saber empreendedor. A autoestima, o pensamento crítico, e a motivação são competências fundamentais para uma disposição empreendedora que deverá ser promovida constantemente. Em consonância com esta ideia mas desta vez referindo-se aos desempregados Osborne; Falcone e Nagendra, (2000) referem que mesmo quando não reúnem um grande número de traços pessoais os empreendedores podem ver os seus comportamentos empreendedores desenvolvidos, pela assistência e pelo apoio sistemático. (Osborne, Falcone e Nagendra, *apud*. Almeida *et.al*,2013)

A aptidão empreendedora vai também produzir recursos catalisadores de uma experiência contínua de desenvolvimento social. No entanto, indivíduos com menor aptidão empreendedora necessitam de promover a sua, capacidade numa perspetiva de transformação social. De acordo com Gadotti (2000): “Seja qual for a perspetiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural”. Sendo assim, há que ter em consideração as competências já existentes e aquelas que deverão ser desenvolvidas nos indivíduos tendo em conta as suas características específicas. Autores como Solymossy (2008), Dolabela (2008), Bucha (2009) e Ferreira (2009) corroboram a ideia de que é necessário recorrer a uma metodologia focada no desenvolvimento da pessoa o que implica direccionar, a aprendizagem às particularidades das pessoas individuais em causa, munindo-as de competências-chave, como a resiliência, a autoconfiança, a iniciativa. Esta pedagogia é afirmada pelo World Economic Forum (2009) como criadora de um forte sentido de comunidade, que fortalece a autoconfiança e reduz a sensação de impotência nos indivíduos. Isto significa que este pode ser o caminho para que as populações socialmente mais vulneráveis beneficiem de um aprendizado sustentável orientado para captar as oportunidades.

É através de recursos e metodologias como estes com um carater mais prático, enérgico e inevitavelmente provocante inerente à sensibilização/ formação empreendedora que os indivíduos em situação de vulnerabilidade social e em exclusão económica podem reagir e encontrar mecanismos de superação da sua realidade vulnerabilizada. Neste sentido afigura-se particularmente importante a promoção da capacidade de os indivíduos terem iniciativa/ atitude, de modo a obterem uma estrutura ao nível de

saberes e competências, que lhes permita conceber, desenvolver e concretizar as suas ideias. Esta cultura empreendedora não só depende do indivíduo, mas depende de toda uma estrutura favorável para que todo esse trabalho de sensibilização empreendedora não caia por terra perante uma sociedade incapaz de valorizar e promover os seus empreendedores. Contudo, a base do empreendedorismo não se resume à visão exposta até então, se por um lado o empreendedorismo serve de mote para o fomento de uma atitude reflexiva, confiante, audaz, capacitante numa perspetiva formativa, por outro lado o empreendedorismo pode ser visto numa perspetiva de obtenção de lucro e de ambição de um empreendedor económico no auge da sua ascensão. Quando se fala de economia, não se fala unicamente de uma economia social, mas também de uma economia capitalista. Remetendo o conceito de empreendedorismo para o conceito de economia capitalista é possível vislumbrar o lado menos épico do conceito de empreendedorismo como até ao momento ele vem a ser aqui tratado.

É aqui necessário fazer a clarificação e distinção entre as duas perspetivas que podem abarcar este conceito. “... Na reflexão sobre o empreendedorismo social é mais frequente encontrar a linha de demarcação tipicamente europeia entre a economia capitalista e a economia social, ou seja, a primeira referente às atividades que têm por objetivo a apropriação individual do lucro, e a segunda referente às que possuem um interesse geral” (Borgaza e Defourny *apud* Portela *et. al*, 2007:35). Deste modo, o empreendedorismo social consiste em projetos de grupos ou comunitários que visam essencialmente a melhoria das condições da comunidade. Este tipo de empreendedorismo deveria constituir a resolução de problemas sociais e económicos das populações locais mais desfavorecidas. Quando se criam escassas oportunidades de empreendedorismo social, há que ter em consideração o contexto social, económico, espacial e cultural. Ou seja um contexto onde a visibilidade e o peso tem menos expressão cai-se num marasmo social pelo défice de enquadramento burocrático, insensibilidade e dificuldade para que as pessoas possam pôr em prática as suas ambições no alcance de uma vida melhor. Tendo como exemplo as áreas periféricas em que por défice de população e de uma rede social conexas e operantes é quase impraticável a captação de financiamento para as iniciativas se tornem viáveis.

“As pequenas unidades enfrentam atitudes e comportamentos estereotipados que nutrem incompreensões e obstáculos. [...] As micro-cooperativas [...] não estão em nenhuma agenda oficial, sim, mas esta

ausência começa por ser um buraco mental. Talvez por isto mesmo as microempresas em Portugal são sobretudo de trabalhadores isolados. “

(Portela *et.al*, 2007)

Com o aparecimento das micro-cooperativas e do microcrédito, poder-se-ia achar que haveria uma revolução ao nível do empreendedorismo mas mais uma vez esta concretização acaba por cair por terra por causa do designado empreendedorismo capitalista que açambarca os financiamentos deixando os outros com falta de recursos e garantias.

Embora como diria o fundador do microcrédito, em muitos casos seria a única solução para melhorar a vida daqueles cujas economias se recusam empregar e cujos encargos sociais a restante população se recusa a suportar. (M. Yunus *apud* Portela *et.al*,2007) Até porque o microcrédito apresenta um conjunto de traços que depois não se concretizam - Exemplo disso são as lacunas no âmbito da saúde, educação, emprego ou falta dele.

Acresce salientar que no contexto do empreendedorismo capitalista são os indivíduos que se encontram no centro da economia que tem mais possibilidades de beneficiar de uma panóplia de incentivos, apoios e infraestruturas potenciadoras das suas ideias e da sua criatividade. Ao passo que aqueles que por mais inovadores e qualificados que sejam para a concretização das suas ideias de negócio, estando em área periféricas não conseguem transpor a barreira geográfica e aceder aos mesmos financiamentos e apoios técnicos.

1.5 Educação, sensibilização: reconhecendo a construção de saberes

A base da formação do ser humano é a educação. Esta proporciona aos indivíduos as ferramentas necessárias a uma leitura mais adequada da sua realidade, o que lhes permite e atuar com maior eficácia sobre ela.

Mais do que nunca a educação assume um papel basilar no desenvolvimento de competências pessoais, sociais, e culturais, indispensáveis à reprodução, subsistência e progresso das comunidades locais.

A dinamização de ações de sensibilização, capacidade para o empreendedorismo em contexto escolar implica o respeito e valorização das ideias dos indivíduos e da comunidade, reconhecendo o seu papel na tomada de decisões que moldam a sociedade. Esta nova perspetiva, implica uma revisão profunda sobre o modo como se estruturam as ações de capacitação. A construção do espírito empreendedor nos indivíduos afigura-se como um vetor de escolhas saudáveis. Isso pressupõe reconhecer o direito destes a expressarem as suas ideias, permitindo-lhes observar, aprender, avaliar e escolher autonomamente. É necessário conhecer as necessidades de intervenção sentidas por estes grupos e avaliar o impacto das intervenções considerando essencialmente as opiniões dos indivíduos implicados.

Segundo Luís Barbosa (1990:15) a relação entre formação e educação pressupõe uma dialética social. A educação tem como foco o modo de atuação sobre o indivíduo, provocando desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Por sua vez, a formação atua sobre o indivíduo, exercendo um conjunto de constrangimentos indispensáveis ao equilíbrio dos seus comportamentos futuros.

A relação da formação profissional com a educação deve entender-se como sendo duas dimensões complementares que atuam no desenvolvimento e atualização permanente das competências pessoais e profissionais dos indivíduos.

Le Boterf (1997) refere que “A competência é, portanto, a capacidade que cada sujeito tem para operacionalizar um conjunto de conhecimentos, atitudes e habilidades numa situação concreta, de modo a ser bem sucedido.” (Le Boterf *apud* Lourenço *et al*, 2008:13).

Assim, as competências têm um papel muito importante, ao nível das atitudes e procedimentos dos indivíduos em interação mútua. A autoconfiança, a capacidade de comunicação, a argumentação, o raciocínio lógico, a resolução de problemas, a tomada de decisões, o trabalho em equipa para alcançar objetivos, são características que estão incluídas no que se entende por competências. Partindo destas competências o indivíduo pode seguir mecanismos que lhe permitam melhorar as suas capacidades, práticas e procedimentos promotores de maior sucesso no campo social, pessoal, profissional e cultural.

Le Boterf (1997) e Wittorsky (1998) corroboram a ideia de que a competência é associada a um indivíduo que sabe agir e essa capacidade ser-lhe-á reconhecida pelos outros, ou seja, o atributo “competente”, é aplicado ao indivíduo por meio da apreciação social. É uma produção individual ou coletiva num determinado contexto e é reconhecida socialmente. O termo competência remete para uma ação que mobiliza um conjunto de saberes combinados de maneira específica em função da situação ou da percepção que o indivíduo tem do contexto. Estes dois autores corroboram uma perspectiva sistêmica de competências entendida enquanto mobilização de saberes, enquanto seleção e combinação de recursos pessoais intrínsecos ao indivíduo e outros exteriores.

As competências desenvolvem-se por meio quer de contextos formais de educação/formação (escolas, universidades,) quer por meio de contextos não-formais (no grupo, na comunidade) quer em contexto informal (quotidianamente, no seio familiar, associativo e social).

Le Boterf (2005) coloca ainda como condição da existência de Competência a reflexão. Nesse sentido o indivíduo só poderá dizer que agiu com competência se souber o que fez, como fez e porque fez. A eficácia por si só, não significa competência. (Le Boterf, 2005:36)

Para que o indivíduo seja munido destas competências o agente envolvido em ações de sensibilização, ou processos de formação/educação para o empreendedorismo junto de pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão, assume um papel capital enquanto canal de mudança. Para capacitar os indivíduos para a mudança é necessário que o contexto seja favorável, de forma que os indivíduos depois de capacitados tenham também eles, condições para fazer valer as suas novas competências.

Considerando que a educação para o empreendedorismo revela potencial dinâmico e utilidade evolutiva em cada indivíduo, podemos dizer que esse potencial pode ser despertado e estimulado pela criação e promoção de novas abordagens pedagógicas. O empreendedorismo não é necessariamente inato, pode ser desenvolvido, entre outras determinantes, pela sensibilização, formação/educação que assume um papel preponderante na sua promoção. É crescente a ênfase na necessidade de promoverem ações de sensibilização ou de se implementarem cursos de empreendedorismo para jovens estudantes e pessoas desempregadas, ficando muito clara a tendência do ensino/

sensibilização para o empreendedorismo se introduzir em todos os ambientes académicos e profissionais. É impreterível a aposta na educação para o empreendedorismo, considerando os atuais desafios que Portugal enfrenta. Nesse sentido o Empreendedorismo implica uma mudança ao nível das atitudes e dos *modus operandi* dos indivíduos, isto é, mais que saber fazer o individuo deverá saber ser e estar. “O empreendedorismo favorece uma mudança positiva de mentalidade e de atitude face à participação social dos cidadãos, estimulando competências e ferramentas que convidam à inovação e à tomada de riscos calculados.” (Redford, 2013).

Além das abordagens pedagógicas convencionais, a mais-valia trazida pela prática da capacitação junto dos indivíduos mais vulneráveis, tem sido a chave para o êxito de muitas medidas promotoras do seu empoderamento, autonomização e responsabilização sobre os seus destinos. Enquanto estes indivíduos desenvolvem mais capacidades e novos mecanismos de aprendizagem, sentem-se implicados nos processos de mudança, relativos às suas próprias competências. Para se capacitar os indivíduos para o empreendedorismo é necessário apostar em ações formativas que não se limitem à transmissão passiva de saberes técnicos. É necessário mobilizar as competências pessoais dos indivíduos imprimindo dinâmicas formativas com metodologias de formação-ação abertas e participadas. Apesar dos progressos registados, há muito a fazer neste âmbito, não esquecendo o papel que o sistema educativo deve desempenhar na transição dos jovens para a vida profissional, devendo, autonomiza-los, responsabiliza-los e fornecer-lhes os instrumentos necessários para se inserirem e sobreviverem no mercado de trabalho, onde o empreendedorismo constitui como um elemento primordial. Contudo também é necessário que se adapte a oferta à procura. Por outras palavras é necessário antecipar as verdadeiras necessidades do tecido empresarial de forma que o sistema educativo possa, para cada fase da economia dar respostas e veicular as suas apostas no sentido de se compatibilizar a formação com as competências requeridas pelo mercado. Para tal é necessário que o individuo receba formação contínua ao longo do seu percurso profissional para não correr o risco de se tornar obsoleto. Assim, é possível contribuir para minimizar o grande problema ambiental da Europa e particularmente, de Portugal, que é a pobreza e a exclusão social.

1.6 O Empreendedorismo social no Combate à Pobreza e exclusão social

O tema do empreendedorismo social associado ao desenvolvimento local é identificado na perspectiva de Sen (2000), de acordo com o qual o desenvolvimento deve ir para lá das variáveis relativas ao rendimento. O desenvolvimento deve estar associado sobretudo, a melhoria da qualidade de vida e à liberdade individual.

A esta perspectiva subjaz uma abordagem de desenvolvimento social que implica a redução das clivagens entre ricos e pobres com vista à redução da pobreza e da exclusão social. A pobreza tem sido associada à falta de recursos materiais na satisfação das necessidades básicas como o acesso à alimentação, à habitação, à educação e cuidados de saúde. Além da privação dos direitos básicos, a pobreza também se manifesta na privação de bens não materiais.

O objetivo das iniciativas de sensibilização, educação ou apoio ao empreendedorismo centram-se na forte estimulação do impulso criativo dos indivíduos, no reforço da autoestima e na capacidade para se obter êxito a vários níveis: pessoal e profissional, social, de modo que mais do que se ter uma ocupação remunerada, o indivíduo possa ser bem-sucedido ao ponto de se sentir realizado e esteja capacitado para encarar eventuais riscos e mudanças. Para que seja assegurada a qualidade e eficácia das ações de sensibilização, da educação e/ ou formação para o empreendedorismo, é imprescindível que estejam reunidas as condições necessárias e criadas as oportunidades para assimilar, refletir e realizar ações de forma convicta, inovadora e diligente, em situações hostis como as que caracterizam os contextos de exclusão social. Em muitos países ocidentais, o Estado evidencia debilidades na mobilização de recursos para o desenvolvimento social e combate à pobreza e exclusão social. Este panorama motiva o crescimento da intervenção do terceiro sector em articulação com o Estado para dar respostas às necessidades sociais (Carvalho, 2003).

Deste modo, o empreendedorismo social tende a ser o novo paradigma de desenvolvimento, voltado para a resolução sustentável de problemas sociais, por meio de parcerias entre atores da sociedade civil, Estado, instituições de ensino e do terceiro sector. É de salientar, de acordo com Seelos e Mair (2005), que o termo empreendedorismo social se refere a organizações que criaram modelos para satisfazer eficientemente as necessidades humanas onde os mercados existentes falharam (Seelos e Mair, 2005). Este conceito traduz-se na adoção de práticas inovadoras aproveitando as

oportunidades do mercado local na resolução de problemas da comunidade. Os Empreendedores Sociais diferem dos restantes empreendedores em termos da sua missão. De acordo com Dees (2001) o empreendedor social tem como missão gerar e manter valor social, reconhecendo e procurando novas oportunidades de concretização da missão; integrando-se no processo de inovação, adaptando-se e aprendendo continuamente; não se limitando pelos recursos disponíveis e participando os resultados aos parceiros e público-alvo (Dees, 2001:4).

Os Empreendedores Sociais têm em conta os valores comportamentais específicos, nomeadamente valores de solidariedade entre pessoas e grupos sociais. Estes valores concretizam-se na escolha dos bens e serviços a produzir tendo em vista a satisfação das necessidades do público-alvo. O empreendedorismo social tem como objetivo a redução da pobreza e para esse efeito as empresas sociais e os projetos de empreendedorismo social contemplam nas suas ações a satisfação das necessidades básicas encontradas na população a que se dirigem. As empresas sociais e projetos sociais apostam na capacitação das populações a que se destinam operando na mudança de mentalidades, promovendo novas formas de organização social mais eficientes e autossustentáveis, para que estas populações-alvo possam fazer face às suas necessidades e superem as suas lacunas. Assim, pode entender-se o empreendedorismo social como “Uma arte e uma ciência, um novo paradigma e um processo de inovação em tecnologia e gestão social, e um indutor de auto-organização social para o enfrentamento da pobreza, da exclusão social por meio do fomento da solidariedade e emancipação socialista ao desenvolvimento local integrado e sustentável.” (Oliveira, 2008:169)

O empreendedorismo social é entendido como uma forma de catalisar a transformação social muito além das soluções dos problemas sociais. O empreendedorismo social produz pequenas mudanças no curto prazo que crescem através dos sistemas existentes para catalisar grandes mudanças a longo prazo (Fundação Ashoka, 2000).

Assim sendo, a sociedade tem que se transformar e reorganizar, eliminando os fatores que conduzem à exclusão. Existem hoje, estratégias de âmbito nacional no domínio social que incluem programas ou ações com vista a inclusão dos indivíduos mais vulneráveis à pobreza e exclusão social. Um desses programas é o POPH (Programa Operacional Potencial Humano), que é participado pelo Fundo Social Europeu e

tem em vista estimular o potencial de crescimento sustentado da economia portuguesa, no quadro das seguintes prioridades:

- Superar o défice estrutural de qualificações da população portuguesa, consagrando o nível secundário como referencial mínimo de qualificação, para todos;
- Promover o conhecimento científico, a inovação e a modernização do tecido produtivo, alinhados com a prioridade de transformação do modelo produtivo português assente no reforço das atividades de maior valor acrescentado;
- Estimular a criação e a qualidade do emprego, destacando a promoção do empreendedorismo e os mecanismos de apoio à transição para a vida ativa;
- Promover a igualdade de oportunidades, através do desenvolvimento de estratégias integradas e de base territorial para a inserção social de pessoas vulneráveis a trajetórias de exclusão social. Esta prioridade integra a igualdade de género como fator de coesão social.

O eixo prioritário 6 “Cidadania, Inclusão e Desenvolvimento Social” tem como objetivo a prevenção e correção de fenómenos de exclusão social e a criação condições de maior igualdade social, apostando especialmente em medidas-resposta no âmbito da formação e do emprego de públicos mais vulneráveis. A tipologia de intervenção 6.1 – Formação para a Inclusão- tem como destinatários “Pessoas com particulares dificuldades no acesso ao sistema de ensino/formação, nomeadamente as que provenham de meios particularmente desfavorecidos, famílias desestruturadas, que apresentem percursos pessoais problemáticos e pertencentes a grupos excluídos e/ou desfavorecidos. Destina-se a promover o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais junto de grupos excluídos ou socialmente desinseridos.

Parte 2| Caracterização da Instituição de Acolhimento

O Projeto RiAgir é coordenado pela Cáritas Diocesana de Aveiro. Neste sentido, passo a caracterizar a Cáritas Diocesana de Aveiro e seguidamente o projeto RiAgir.

2.1- Cáritas Diocesana de Aveiro

A Cáritas diocesana de Aveiro é uma IPSS, com personalidade jurídica no foro eclesiástico e civil, localizada na freguesia da Vera Cruz, na Rua do Carmo, na área central da cidade de Aveiro. A sua ação abrange prioritariamente a área geográfica da Diocese de Aveiro (Anadia, Águeda, Aveiro, Albergaria-a-Velha, Ílhavo, Vagos, Sever do Vouga, Murtosa, Estarreja e Oliveira do Bairro).

A missão desta instituição é a promoção e a prática de ação social nomeadamente em situações de exclusão social e a promoção do desenvolvimento e da autonomia da pessoa Humana.

A Cáritas Diocesana de Aveiro tem como valores: o Bem Comum (Promoção da partilha universal dos Bens à luz da Doutrina Social da Igreja.); Individualidade (Respeito pela dignidade da Pessoa); Profissionalismo (Desempenho das funções com competência, dedicação, disponibilidade e responsabilidade.); Solidariedade (Prática e promoção de ações para responder a situações de carência de várias ordens); Afetividade (Valorização das relações baseadas em afetos.); Parceria (Valorização do trabalho em equipa e em cooperação com outras entidades).

Tem ainda a visão de ser uma Instituição de referência dinamizadora de Respostas Sociais sustentáveis com vista à melhoria contínua dos Serviços prestados aos seus Utentes. (Cáritas Diocesana de Aveiro,2014)

Os Objetivos desta organização são: A assistência em situações de dependência ou emergência; a promoção social, visando a superação e prevenção da dependência ou emergência e o reforço da autonomia pessoal e a transformação social em profundidade, nos domínios das relações sociais, dos valores e direitos humanos.

2.2- Características socioeconómicas da população concelhia

De acordo com os (Censos 2011), a população residente no território concelhio de Aveiro é constituída por 78450 habitantes sendo que 37120 são do sexo masculino e 41330 do sexo feminino. Segundo grupos etários esta população está dividida pelos intervalos dos 0 aos 14 anos com 11 431 pessoas, entre os 15 e os 24 anos 8 551 pessoas, dos 25 aos 64 anos 45 202 pessoas e, finalmente com 65 e mais anos 13 266 pessoas.

A condição perante o trabalho demonstra o domínio dos indivíduos ativos (51%). Os estudantes representam 20.4% do total, seguidos pelos pensionistas (24.6%) e desempregados (5.5%).

Em termos de atividade económica propriamente dita, em 2011 o número da população empregada era de 35793 (45.6% do total da população concelhia) e estava preferencialmente empregada no sector terciário (31% no terciário social e 39% no terciário económico). O peso do sector secundário é (28%). O sector primário apresenta valores residuais de 1.07%. O peso da população empregada do sexo feminino é de 17648 correspondendo a 49.4% ao passo que 18143 pessoas empregadas são do sexo masculino o que corresponde a 50.6% da população empregada.

Relativamente a população desempregada o seu número estimado é, de acordo com as estatísticas mensais referentes ao mês de Abril de 2014 do IEF, de 4 265 pessoas correspondendo a 12% do total da população em idade ativa do conselho. (IEFP, 2014) De entre essa população 48.9% tem o ensino básico, 24.7 tem o ensino secundário, 1.8 dos desempregados tem o ensino pós-secundário e finalmente 23.7% tem o ensino superior. A habilitação de aproximadamente metade da população desempregada é o ensino básico. As faixas etárias com maior expressão de pessoas com o ensino básico, no desemprego são as que compreendem os intervalos de 20-24 anos, 25 -30 anos, 30-34 anos com um número conjunto de 1748 pessoas, ou seja, 40.6% dos desempregados.

2.3- Características do público-alvo Cáritas Diocesana de Aveiro

Em 2013 a Cáritas Diocesana de Aveiro atendeu 557 situações, sendo que 420 correspondem a indivíduos e famílias, 86 a sem-abrigo e 40 situações de passantes. (Caritas Diocesana de Aveiro, 2014:8)

No que concerne a distribuição do público-alvo das ações e valências da Cáritas Diocesana de Aveiro, por sexo e escalões etários, verifica-se que predomina o sexo feminino (298 mulheres) no recurso ao atendimento, em relação ao sexo masculino (122 homens). É a população em plena idade ativa que concentra maior número de indivíduos e famílias, sendo que 289 pessoas correspondem aos escalões etários até aos 50 anos, refletindo fragilidades socioeconómicas nestes escalões etários.

No que respeita a tipologia de famílias que recorrem ao atendimento. Destacam-se as famílias nucleares (40,9%), com maior predominância dos casais com filhos (29,6%), revelando a atuação extensiva do atendimento social aos restantes membros da família. O peso dos indivíduos isolados destaca-se com 28,6% correspondendo a situações de isolamento social e ausência de retaguarda familiar. Os núcleos monoparentais representam 20% do total. (Caritas Diocesana de Aveiro, 2014:2)

Centro de Alojamento Temporário

O Centro de Alojamento Temporário dá resposta a 24 Homens Sem-abrigo, com trajetórias de vida marcadas por grande instabilidade e precariedade de vínculos a nível social, familiar e profissional. A ausência de suporte familiar é um fator comum a todos os elementos alojados no Centro. Relativamente à idade, constata-se um número significativo de indivíduos jovens, registando-se o alojamento de 12 utentes com menos de 30 anos. Quanto ao estado civil dos indivíduos alojados. Mantém-se a prevalência dos indivíduos solteiros com 16 situações, registaram-se 3 situações de divórcio e 5 de separação. No que concerne às habilitações literárias, verifica-se maior incidência do 2.º, 3º e 1º Ciclos do Ensino Básico. O que revela baixas habilitações literárias e abandono escolar precoce.

Em relação à caracterização socioprofissional, quando foram alojados, a maioria dos utentes eram desempregados de longa duração (19). Dos restantes, 3 encontravam-se a frequentar uma ação de formação, 1 era pensionista e 1 estava a estudar.

No que diz respeito à origem geográfica dos utentes, 11 indivíduos são naturais do Concelho de Aveiro, 10 de outras zonas do país e 3 são emigrantes.

Para além da ausência de alojamento, problema comum a todos os utentes, as principais causas que motivaram o recurso a esta resposta foram o desemprego (22), a ausência de rendimentos (20) e a ausência/rutura dos laços familiares (21). É de destacar a incidência de doença mental, problemas de toxicodependência e de alcoolismo em algumas situações.

Centro de Acolhimento Temporário

Ao longo dos vinte e três anos de funcionamento, o Centro de Acolhimento Temporário proporcionou o acolhimento a trezentas e treze crianças em perigo, na sua maioria provenientes do Distrito de Aveiro. Das 300 crianças que cessaram a medida de acolhimento no Centro, verifica-se uma clara prevalência dos encaminhamentos para adoção (42%), seguindo-se a (re) integração na família biológica (21%) e a colocação em família de acolhimento (21%). Constatamos que se tem privilegiado as soluções que respeitam o direito das crianças a crescer no seio de uma família.

Atualmente estão acolhidas no C.A.T. 23 crianças, 13 das quais transitaram de anos anteriores. O grupo de crianças acolhidas era constituído por 13 meninos do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os cinco dias e doze anos. A principal situação que motivou o seu acolhimento, foi a negligência, associada à carência económica, alcoolismo, falta de competências dos progenitores/cuidadores e doença mental materna.

Creche

Em termos de caracterização social, das 40 crianças pertencentes aos 3 grupos de creche, 24 são do sexo masculino e 16 são do sexo feminino, 2 crianças pertenciam a

famílias monoparentais, Em termos de caracterização social, das 30 crianças externas pertencentes aos 3 grupos de creche, 5 crianças pertenciam a famílias monoparentais e 1 criança estava aos cuidados dos avós. Um número significativo de famílias apresenta uma situação económica delicada, razão pela qual 21 crianças pagam a mensalidade mínima no valor de 45 euros e nenhuma criança paga a mensalidade máxima cujo valor é de 150 euros.

Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica do Distrito de Aveiro

No que concerne à distribuição das vítimas por escalão etário e sexo, tal como podemos verificar no quadro seguinte, a maioria das vítimas são predominantemente do sexo feminino e situam-se nas faixas etárias dos 35 aos 44 anos, seguindo-se o escalão etário dos 25 aos 34 anos. No total de 243 a maioria (140) encontra-se em união de facto e/ou casada.

Mini – Banco De Ajudas Técnicas

No decorrer deste ano, a instituição efetuou no total 90 empréstimos de material, tendo abrangido o mesmo número de famílias/situações, sendo que alguns transitaram do ano anterior.

Projeto EntreSendas E5G - Programa Escolhas

Com a finalidade central de trabalhar o sucesso escolar e a redução do absentismo e abandono escolares, sempre em paralelo com a corresponsabilização dos pais no processo educativo dos filhos, a atuação do Projeto EntreSendas-E5G faz-se junto das crianças e jovens das comunidades ciganas de Ervideiros e as suas famílias.

Projeto Meatus – POPH -Tipologia 7.3 – Apoio Técnico e Financeiro às ONG

O Projeto Meatus surgiu no âmbito de uma candidatura da Cáritas Diocesana de Aveiro ao P O P H, Eixo 7 (Igualdade de Género), medida 7.3 – Apoio Técnico e Financeiro às

Organizações Não Governamentais. Surgiu com o objetivo de reforçar e alargar o campo de atuação do Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica do Concelho.

Projeto “Âncora” – POPH -Tipologia 7.3 – Apoio Técnico e Financeiro às ONG

O Projecto Âncora surge de uma candidatura da Cáritas Diocesana de Aveiro, ao P O P H, eixo 7 (Igualdade de Género), tipologia 7.3 – Apoio Técnico e Financeiro às Organizações Não Governamentais. Dirige-se a dois grandes grupos de destinatários – vítimas de violência e/ou discriminação com base no género e suas famílias e outras entidades da sociedade civil.

2.4 O Projeto RiAgir

No âmbito do Programa (CLDS) foi celebrado entre o Instituto da Segurança Social, IP, a Câmara Municipal de Aveiro e a Cáritas Diocesana de Aveiro um contrato, com vista a implementação e execução, no Concelho de Aveiro, do Plano de Ação do Projeto RiAgir.

O projeto iniciado em Agosto 2011 com termino em Agosto 2014 tem como missão, para além de resistir, agir contra a pobreza e exclusão social, fomentando uma mensagem positiva e uma visão multidimensional e integrada face às necessidades e problemas dos cidadãos. O seu objetivo geral é “promover uma cultura empreendedora junto e com os vários atores, através de uma ação integrada e multidimensional, com vista à capacitação e autonomia de resposta e prevenção a processos de pobreza e exclusão social.”

Os Principais Destinatários deste projeto são: Adolescentes e jovens; Famílias; Comunidades escolares; Pessoas desempregadas; Pessoas à procura de emprego; Potenciais empreendedores; Instituições e associações; Serviços e organismos locais e a comunidade em geral.

O projeto é norteado por quatro eixos de intervenção: Eixo I- Emprego, Formação e Qualificação; Eixo II- Intervenção Familiar e Parental; Eixo III- Capacitação da comunidade e das instituições; e, Eixo IV- Informação e acessibilidades.

No que concerne ao Eixo I, as ações a promover são: Sensibilização e qualificação de profissionais na área do empreendedorismo; Mostra de profissões e ofertas de emprego/formação disponíveis online; Momentos de reflexão conjunta entre técnicos na área do emprego; Atividades socioeducativas em áreas básicas de inserção.

No que respeita o Eixo II as ações a desenvolver são: Implementação faseada de modelo metodológico de intervenção integrada, Programa de desenvolvimento de competências parentais; Ações de formação com professores, e outros profissionais em áreas chave no apoio social; Resposta psico-educativa de promoção-treino de competências com adolescentes e jovens.

Relativamente ao Eixo III, pretende-se promover: o voluntariado de proximidade; o apoio pontual a cuidadores informais, a conceção partilhada de um modelo de intervenção integrada, a avaliação contínua (de processo) e de resultados; a promoção de competências empreendedoras: apoio na implementação de ideias e projetos associativos e a dinamização de grupos de jovens na construção de projetos fotográficos e videográficos temáticos e de retrato comunitário e social.

Finalmente o Eixo IV visa o desenvolvimento de: Iniciativas de melhoria e qualificação de espaços comuns: Criação e manutenção de redes sociais e dinamização do website do projeto; Divulgação das iniciativas e notícias; a preparação de um programa de rádio “RiAgir no Ar”.

Equipa Técnica

A equipa técnica é constituída por quatro elementos, contando com a colaboração dos estagiários que passam pelo projeto. Quanto aos elementos afetos ao projeto conta-se uma socióloga, uma técnica de serviço social, uma psicóloga e um técnico gestor.

Parte 3| Itinerário Metodológico

No campo metodológico, os modos de investigação e as técnicas utilizadas na recolha e tratamento da informação decorrem, e são parte integrante, de todo o processo de construção do objeto de estudo.

Para que fosse possível o início das atividades realizei a pesquisa de documentos de referência sobre empreendedorismo e sobre capacitação, sensibilização e educação de jovens para o empreendedorismo.

Foi realizada também uma pesquisa de documentos específicos da instituição acolhedora que serviram como orientação das aprendizagens a retirar das atividades a desenvolvidas durante o estágio e na elaboração do presente relatório. No local de estágio foi feita observação direta e participante das atividades desenvolvidas.

Foi elaborado um guião de entrevista, cujas questões tiveram o objetivo de conhecer as expectativas dos jovens e pessoas adultas desempregadas abrangidos pelas ações, quanto ao impacto esperado das ações de sensibilização capacitação para o empreendedorismo, realizadas no âmbito do projeto RiAgir. Também foram realizadas entrevistas a dois técnicos do projeto RiAgir que operam nesta área. As perguntas foram abertas e de carácter exploratório, com o objetivo de permitir ao entrevistado desenvolver as suas respostas de forma a recolher o máximo possível de informação útil.

Para o tratamento dos dados adquiridos nas entrevistas foi realizada uma análise qualitativa.

Parte 4|Desenvolvimento do Estágio

4 Objetivos do estágio e tarefas realizadas na concretização dos objetivos

No primeiro dia de estágio, dia 06 de Janeiro de 2014 fui apresentado aos membros da equipa do Projeto RiAgir. Seguidamente realizou-se uma reunião entre mim e a supervisora de estágio. Nessa reunião foram-me disponibilizados os documentos para melhor enquadramento do Projeto RiAgir.

Num segundo momento foi-me dado a conhecer os grupos com os quais iria trabalhar continuamente ao longo do estágio, bem como algumas atividades com que iria colaborar pontualmente.

No âmbito das ações do projeto e do trabalho que iria desenvolver com os grupos foram-me transmitidas as tarefas que iria realizar.

Na tarde do 1º dia fui com a minha supervisora acompanhar um grupo de adultos desempregados. Este designa-se por Grupo "Artes de Coração".

No segundo dia, no seguimento da reunião com o grupo Artes de Coração fiquei incumbido de preparar as fichas de presença das reuniões deste grupo, a elaboração de uma ficha-resumo das reuniões. Fiquei ainda encarregue da elaboração de uma proposta do regulamento geral do grupo e de um cronograma das atividades, que seriam revistos com o grupo, ao longo dos quatro meses do estágio.

No terceiro dia de estágio planifiquei e elaborei os conteúdos para a dinamização de uma sessão com o 9ºI. Este grupo é uma turma da escola básica de S. Bernardo com alunos maioritariamente de etnia cigana, com dificuldades de aprendizagem e de integração social. Este seria um dos grupos com que viria a trabalhar ao longo de aproximadamente dois meses. As Quintas-feiras à tarde seriam reservadas a esta atividade até ao dia 6 de Março.

Os momentos em que não estava ocupado nas atividades com os grupos seriam ocupados a preparar os conteúdos das atividades, nomeadamente, pesquisar e produzir conteúdos e material de apoio para o trabalho a desenvolver com os grupos e em outras sessões isoladas. Na Quinta-feira entre as 17 e as 18 horas realizaram-se as reuniões com o Clube de Alunos da EFTA no planeamento e preparação de um evento solidário.

Com base na primeira semana foi possível ter uma visão panorâmica das atividades que iriam envolver estes quatro meses de estágio.

De seguida irei expor, com mais detalhe, aquilo em que consistiu cada uma das tarefas desenvolvidas e em que objetivos de estágio cada uma delas estaria inserida.

4.1 Caracterizar a entidade acolhedora

Com o intuito de caracterizar a entidade acolhedora realizei algumas leituras. Entre elas consultei o documento da Memória descritiva do Projeto RiAgir em que este é definido como projeto de Contrato Local de Desenvolvimento Social de Aveiro, cuja missão é resistir e agir contra a pobreza e exclusão social, fomentando uma mensagem positiva e uma visão multidimensional e integrada face às necessidades e problemas dos cidadãos. Neste documento também é explicitado objetivo geral de” promover uma cultura empreendedora junto e com os vários atores, através de uma ação integrada e multidimensional, com vista à capacitação e autonomia de resposta e prevenção a processos de pobreza e exclusão social.” (Memória descritiva RiAgir, s.d)

O plano de ação do projeto RiAgir obedece diretamente aos instrumentos de diagnóstico e planeamento social da Rede Social: o Diagnóstico Social e o Plano de Desenvolvimento Social elaborados e propostos pelo CLASA.

O Projeto RiAgir constitui um reforço das ações propostas no Plano de Desenvolvimento social do concelho de Aveiro., incorporando em cada eixo de intervenção, um conjunto de ações complementares às já existentes em outras respostas existentes no concelho, tendo como princípios estratégicos de atuação, a transversalidade de medidas de capacitação e participação dos atores, bem como a sensibilização e reforço para uma atitude empreendedora na inserção profissional, em contexto familiar, individual ou comunitário, apontando como aspetos inovadores, os processos e iniciativas de mobilização bem como, de mediação entre os atores.

Para melhor compreender as ações inerentes aos quatro eixos do projeto RiAgir consultei o Plano de Desenvolvimento Social (PDS). Esta leitura permitiu-me perceber que estes planos são desenvolvidos com base nos diagnóstico social do concelho e da consequente definição de prioridades e linhas estratégicas para a intervenção local.

Fiquei ainda consciente de que o plano de desenvolvimento social deve apoiar-se nas forças e recursos endógenos existentes.

Nesse sentido o projeto RiAgir constitui uma das forças endógenas ao concelho, criado com base no DSCA (Outubro 2010) e no PDS (Outubro 2011). Assim consegue-se compreender que o Projeto tenha procurado responder nos seus quatro eixos de intervenção, às prioridades identificadas no DSCA e às estratégias do PDS.

A construção deste projeto teve ainda em conta os resultados da implementação do projeto RIA – Rede de Intervenção de Aveiro (Progride Medida 1), que decorreu de outubro de 2005 a setembro de 2010. Este projeto dirigiu-se às famílias em risco do concelho de Aveiro e teve como principais dimensões de intervenção: a família (acompanhamento psicossocial e formação parental), a formação profissional e o emprego, o desenvolvimento de competências de crianças e jovens, a participação comunitária e o voluntariado.

4.2. Conhecer e colaborar com a aplicação de ações inerentes aos quatro eixos de intervenção dos contratos locais de desenvolvimento social concretizados no âmbito do projeto RiAgir.

Para a concretização do objetivo de conhecer as ações inerentes aos quatro eixos, além de consultar alguns documentos oficiais do projeto RiAgir, também recorri à observação do trabalho desenvolvido pelos colegas. Foi possível perceber que as ações estão distribuídas por cada técnico segundo o seu perfil profissional.

Assim ações mais vocacionadas para promoção de desenvolvimento de competências pessoais e sociais junto de públicos desfavorecidos e as consultas de Psicologia eram asseguradas pela Técnica Psicóloga, que mais concretamente assegura as atividades inerentes às ações: Valer competências: com as seguintes atividades: Parental (Idades); Lidar.com que consiste em Ações de sensibilização; e Jovens ... e tudo: que consiste no Apoio psicoeducativo e/ou intervenção psicológica em grupo de pares. Estas atividades estão inseridas no Eixo II- Intervenção Familiar e Parental.

As atividades asseguradas maioritariamente pelo Técnico Gestor eram as inerentes às ações inseridas no Eixo I- Emprego, Formação e Qualificação: Agir para Inovar- Ações

de sensibilização e de formação na área de empreendedorismo junto de agentes locais e encaminhamento para apoio à elaboração do plano de negócios junto de elementos da comunidade; Fórum Emprego: Criação e atualização de uma plataforma on-line acessível a toda a população com ofertas de emprego e formação no concelho; Promoção de fóruns de discussão entre elementos que intervêm na área do emprego e formação profissional; Participação em iniciativas de procura e oferta de emprego/formação através de uma banca móvel de profissões. As atividades inerentes às ações do Eixo 4- Informação e acessibilidades: In Rede -Divulgação das iniciativas do projeto e criação e manutenção de redes sociais via net; Dinamização da web page do projeto.

O Técnico Gestor e a Técnica de Serviço Social asseguravam conjuntamente uma atividade do Eixo I inserida na ação Com. Apetência. Essa atividade designa-se de Soma+ e consiste na Promoção de atividades socioeducativas para o desenvolvimento de competências básicas tendo em vista a empregabilidade.

As ações mais orientadas para formação e capacitação de famílias para questões associadas à gestão doméstica eram asseguradas maioritariamente pela Técnica de Serviço Social, que também assegurou juntamente com a Técnica de Sociologia (coordenadora) a ação Intervenção Social Integrada, inserida no Eixo II e Eixo III No Eixo II- Intervenção Familiar e Parental, a Intervenção Social Integrada consistiu na implementação faseada, em quatro territórios piloto do concelho, do modelo metodológico de intervenção integrada junto das pessoas e famílias em situação de desfavorecimento social.

No Eixo III- Capacitação da Comunidade e Instituições cuja ação se designada por Rede valorizar as atividades consistem em: Sistematização diagnóstica sobre a adequação das respostas sociais existentes no concelho; Conceção e construção partilhada de um modelo de intervenção integrada.

Ações mais ligadas à sensibilização capacitação para o empreendedorismo, dinamização de grupos em projetos de cariz solidário e empreendedor, sessões sobre temáticas da Interculturalidade, autoconhecimento, respeito pela diferença, valores, família e empreendedorismo foram maioritariamente asseguradas pela Dra. Carla Fernandes Socióloga e Eu. O trabalho desenvolvido pela Socióloga estava mais direcionado a assegurar as atividades inerentes aos Eixos II e III Embora estivesse envolvida em quase

todas as ações em virtude de ser a coordenadora do Projeto, o seu trabalho durante a vigência do meu estágio incidu mais sobre as atividades Aproximar-Voluntariado de proximidade; Cuidar é vida-apoio pontual a cuidadores informais por períodos de curta duração; inerentes as ações mais próximo a cuidar de ti do Eixo II-Intervenção Familiar e Parental e das atividades Dá-te Espaço-Melhoria e requalificação de espaços com a comunidade, inserida na ação Espaço Total; e das atividades Em ação-Apoio a grupos na geração e implementação de ideias e projetos; Inerentes à ação “Vês é a nossa Vez” do Eixo III.

Embora cada um dos Técnicos do projeto atuasse mais sobre as ações de um dos eixos, a sua atuação era transversal. Na verdade por vezes atuavam em ações pertencentes a outro eixo, em virtude de estes eixos serem indissociáveis e em virtude da disponibilidade de cada técnico. Além disso os elementos da equipa técnica do projeto RiAgir cooperavam entre si na execução das atividades.

Além da realização das tarefas de que fui incumbido, procurei colaborar com os colegas na prossecução de outras tarefas quando assim se proporcionou. Situando as atividades que foram desenvolvidas por mim no panorama das atividades do projeto RiAgir, pode afirmar-se que a minha ação incidu mais sobre os eixos II e III.

4.3 Desenvolver os procedimentos inerentes à implementação das ações promovidas no âmbito dos quatro eixos, acima referidos especialmente no âmbito do eixo III.- Capacitação da comunidade e das instituições.

Na descrição das atividades em que estive inserido durante o estágio, não foi possível estabelecer uma ordem linear porque muitas delas ocorriam de forma continuada ao longo dos meses de estágio. Outras ocorreram com um caráter menos duradouro ou pontual. Assim no mesmo período foram realizadas tarefas/ atividades de caráter permanente simultaneamente com algumas de caráter mais curto ou pontual. Alguns grupos em virtude do seu caráter de continuidade mereciam um enquadramento mais desenvolvido, ao passo que outros de caráter mais pontual não careciam desse tipo de enquadramento. Passarei a descrever isoladamente o trabalho desenvolvido ao longo do estágio por grupos de trabalho.

Grupo Artes de Coração

O Grupo Artes de Coração é constituído por um conjunto de pessoas desempregadas que estavam numa situação de isolamento social. O grupo é sediado no lugar de Nossa Senhora de Fátima da freguesia de “Requeixo, Nossa Senhora de Fátima e Nariz”. As atividades desenvolvidas com este grupo enquadram-se no âmbito de duas ações inerentes a dois eixos de intervenção distintos. Uma atividade deste grupo “Reuniões de Voluntariado” insere-se na atividade Aproximar da ação Mais próximo a cuidar de Ti do Eixo II-. Outra atividade deste grupo “ Atelier de Artes” insere-se na atividade Em Ação, inerente à ação Vês é a nossa Vez do Eixo III.

Este grupo tem como objetivos gerais: Por um lado, a partilha de saberes a custo zero, por outro lado a realização de voluntariado com idosos e por fim, a dinamização de atividades na comunidade.

Os dois primeiros objetivos abrangem o terceiro. O objetivo de partilha de saberes a custo zero insere-se no âmbito do Eixo III-Capacitação da comunidade e das Instituições, nomeadamente na ação Vês é a nossa vez com a atividade Em ação que consiste no apoio de grupos na geração e implementação de ideias e projetos e atividades. Na prossecução deste objetivo o grupo realiza semanalmente à 2ª feira, entre as 14h30m e as 17h, o Atelier de artes. O objetivo do Voluntariado com pessoas idosas insere-se no Eixo II-Intervenção Familiar e Parental cuja ação se designa por Mais próximo a cuidar de ti mais concretamente a atividade Aproximar que consiste em atividades de Voluntariado de proximidade. Na prossecução deste objetivo este grupo realiza reuniões de Voluntariado semanalmente à 4ª Feira, entre as 14h30m e as 17h.

Os ateliers são constituídos por diversas modalidades de trabalhos manuais: Ponto de Cruz, Costura, Arraiolos, Macramé. De um modo geral os ateliers são dinamizados por um ou dois dos elementos do grupo que dominam a modalidade a desenvolver.

No início de cada atelier semanal é passada a folha de presenças e são tiradas fotografias durante o mesmo. Em geral a presença dos técnicos do RiAgir é de orientação, monitorização e assessoria.

À medida que estes ateliers se foram desenvolvendo e mediante as aprendizagens desenvolvidas este grupo começou a participar em eventos com a exposição dos seus trabalhos. De entre os eventos em que o grupo participou destacam-

se o dia Mundial da Saúde no dia 7 de Abril e a Participação na Feira de Março entre os dias 10, 11, 12 e 13 de Abril, para isso em alguns momentos os ateliers produtivos intensificaram-se.

No âmbito do objetivo, Voluntariado com pessoas idosas da freguesia, nas reuniões são apresentadas e discutidas ideias de atividades que se pretendem dinamizar quinzenalmente com pessoas idosas. Depois de definidas as atividades a desenvolver com idosos são pensadas as tarefas e materiais necessários para a concretização da ideia. Depois de definidas as tarefas e os recursos necessários são distribuídas estas tarefas e a responsabilidade no fornecimento dos materiais por cada elemento de acordo com a sua disponibilidade. De entre diversas atividades podem destacar-se: a Festa de Natal realizada no dia 20 de Dezembro, a Festa de Carnaval no dia 28 de Fevereiro, a Festa da Páscoa no dia 16 de Abril.

O trabalho que desenvolvi com este grupo passou pelas seguintes tarefas:

Acompanhamento dos ateliers e das reuniões de Voluntariado, orientação do grupo junto da Socióloga Carla Fernandes; Elaboração das notícias inerentes às reuniões e atividades desenvolvidas para publicação nas redes sociais do Projeto RiAgir (facebook e Site). Elaboração dos registos de reunião tanto dos ateliers como das reuniões de voluntariado, Preparação da folha de presenças de cada reunião e atelier; Elaboração de uma proposta do Regulamento Geral do Grupo; Elaboração de um cronograma dos ateliers; Elaboração de um portefólio fotográfico das atividades do grupo; Elaboração de um cartão-de-visita do grupo; Elaboração dos cartazes de divulgação das iniciativas de voluntariado com idosos, desenvolvidas pelo grupo; Colaboração na preparação das iniciativas Festa de carnaval, Festa da Primavera e a Festa da Páscoa.

A maioria destas tarefas por mim realizadas tinha um caráter sistemático.

Mensalmente realizava-se uma reunião geral, moderada pela Dr.^a Carla Fernandes e eu. Nestas reuniões era feito um ponto de situação do funcionamento do grupo e discutidas eventuais questões. Era um momento de reflexão e de avaliação do caminho percorrido. Era ainda nestas reuniões que se tomavam novas decisões e onde era eleito o secretário do Mês.

A turma do 9º I

A turma do 9ºI é constituída por um grupo de alunos entre os 14 e os 17 anos, sinalizados por défice ao nível das competências pessoais e sociais, preenchendo fatores e risco de exclusão social. Esta turma é constituída maioritariamente por minorias étnicas e outros alunos também com necessidades educativas especiais.

Esta turma pertence à Escola Básica 2-3 de S. Bernardo, Aveiro. Estas sessões realizavam-se às quintas-feiras entre as 14:30 e as 15:15h.

As 17 sessões de 45 minutos realizadas com este grupo de trabalho foram dinamizadas por uma equipa interinstitucional e multidisciplinar. Entre os dinamizadores contavam-se os Técnicos do Projeto RiAgir, Serviço de Psicologia e Orientação do Agrupamento de escolas José Estevão, Centro de Recursos para a Inclusão- CERCIAV, Equipa de Saúde Pública do Centro de Saúde de Aveiro.

As 8 sessões dinamizadas pelo Projeto RiAgir tinham como tema a Igualdade de Género, Autoconhecimento, Valores e Respeito Pela Diferença.

A intervenção do projeto RiAgir e o meu trabalho com este grupo inseriram-se no âmbito da ação Valer Competências do Eixo II- Intervenção Familiar e Parental, mais concretamente na atividade *Jovens...e Tudo* que consiste no Apoio psicoeducativo e/ou intervenção psicológica em grupo de pares.

Quando Integrei o Projeto fiquei responsável por pesquisar, planificar e elaborar todos os conteúdos inerentes às sessões sobre Autoconhecimento, Valores e Respeito pela Diferença.

Inicialmente ao elaborar os conteúdos supus competências ao nível do 9º ano de escolaridade, procurando ajustar os conteúdos, aquilo que pensava ser o nível de uma turma do 9º ano. Quando consultei a minha supervisora, rapidamente percebi que os conteúdos estavam expostos numa linguagem demasiado elaborada para o grupo em questão. Tratava-se de uma turma constituída por alunos que em geral mal sabem ler e escrever. Senti dificuldade em adaptar o discurso a este grupo. Maior dificuldade foi sentida ao nível da preparação de conteúdos. A minha supervisora aconselhou-me a tentar aproximar a minha abordagem por empatia, ou seja, colocar-me no lugar de uma turma que mal sabe ler e escrever foi difícil. Mas comecei então por experimentar o

recurso a ilustrações, músicas e Palavras-chave, como forma de cativar a atenção da turma. De seguida poderia desenvolver as ideias com base em exemplos concretos transpostos para a realidade quotidiana do grupo.

Uma outra dificuldade identificada foi que aquando da planificação das sessões, seguia um modelo base. Começava pelo recurso a interpelação, questionamento e seguia para o método expositivo. Num outro momento procurava promover o debate mas neste grupo o debate resumia-se a perguntar individualmente aos alunos e por vezes sem sucesso.

Havia uma ficha de avaliação da sessão para ser preenchida no final da sessão. Mas o tempo era escasso e a turma algo complexa para conseguir realizar o planificado. Aos poucos fui ajustando os conteúdos e nivelando as expectativas. Comecei a perceber que com estes grupos a mais pequena coisa conseguida é um sucesso.

Acampamento de São Bernardo

Esta atividade inseriu-se na atividade *Dá-te Espaço* e insere-se na ação *Espaço total* inerente ao Eixo III. Capacitação da comunidade e Instituições. Esta atividade realizou-se no Acampamento da comunidade Cigana de S. Bernardo. Esta comunidade é beneficiária do Rendimento Social de Inserção e é acompanhada pelo corpo técnico da Fundação Padre Félix em S. Bernardo. A maioria dos alunos do grupo anteriormente descrito, 9ºI, pertence a esta comunidade.

Realizou-se uma primeira visita ao acampamento em Fevereiro para conhecer as condições em que esta comunidade reside. Entre as várias “casas” foi possível perceber que na sua maioria existe empenho em ter a “casa” asseada e em adquirir mais condições de salubridade. Foram auscultadas as necessidades sentidas pelos elementos desta comunidade.

Realizou-se uma reunião onde eu também estive presente que congregou representantes do Projeto RiAgir, equipa de Saúde Pública do Centro de Saúde de Aveiro, divisão de Ação Social do Município de Aveiro e Fundação Padre Félix.

Nesta reunião foram debatidos os problemas identificados e formas de os solucionar. Considerou-se que no âmbito das ações de formação socioeducativas em curso naquela comunidade não faria sentido falar de higiene e saúde sem que lhes fossem

proporcionadas as condições mínimas de saúde pública. Os problemas identificados foram a falta de higiene nos espaços comuns em parte devido à inexistência de contentores para lixo comum e para reciclagem. Um outro aspeto salientado era a acumulação de detritos e sucata. Nesse sentido os técnicos presentes decidiram colocar contentores para o lixo e promover um período de recolha do lixo acumulado. Desta forma eu elaborei uma apresentação de imagens com o antes e depois (fictício) da intervenção para que fosse possível motivar a comunidade cigana de S. Bernardo a agir com os parceiros para a higienização da comunidade. A ação concretizou-se e até ao momento foi bem-sucedida.

Clube de Alunos EFTA

As atividades desenvolvidas com este grupo inseriram-se na atividade *Em ação* inerente à ação *Vês é a nossa Vez* do Eixo III Capacitação da Comunidade e das Instituições.

O projeto RiAgir reunia com os elementos do clube de alunos semanalmente, inicialmente à quinta-feira entre as 17h00 e as 18h00. E no último mês à 6ª feira.

Este grupo começou por reunir poucas vezes até finais de Janeiro. Contudo, essas reuniões serviram para que fossem lançadas as ideias que os alunos tinham para uma iniciativa solidária que pudesse ser a ideia de projeto a levar a cabo até ao final do ano letivo. Foi em 30 de Janeiro que recomeçaram as reuniões semanais. Para o efeito eu fui encarregue de seriar as ideias de projeto e agregar as que fossem idênticas de forma a ter apenas quatro ideias finais para serem votadas nessa reunião. A ideia final de projeto foi a de realizar um concerto solidário. O grupo ficou de pensar em ideias para a concretização deste projeto. Coube-me elaborar uma apresentação onde pudessem estar presentes as etapas necessárias para a concretização de um projeto nomeadamente deste, do concerto solidário. Nesta apresentação foram indicadas as tarefas necessárias e coube-me dinamizar esta reunião com o apoio da minha supervisora na presença da coordenadora do clube de alunos Psicóloga da EFTA.

Os alunos ficaram a pensar nos moldes em que se poderia processar este concerto. Nesse sentido nas reuniões das semanas seguintes foram apresentadas ideias de contactos de bandas, de estabelecimentos que pudessem acolher esta iniciativa. Bares onde se pudesse realizar o concerto e hotéis que pudessem apoiar a iniciativa. Devido à

dificuldade que os jovens tiveram em tomar decisões proativamente coube-me elaborar uma ficha onde cada aluno pudesse propor três instituições e o tema para o concerto.

Seguidamente foram votadas as instituições a beneficiar, e o tema do concerto que ficou definido “uma música por um sorriso”. Nessa reunião foram ainda apontadas possíveis datas para a realização do concerto. Noutra reunião ficou proposta a realização para o dia 2 de Maio. As reuniões seguintes, foi decidido realizar um sorteio para o qual foram pedidas doações a hotéis da cidade. Afinada a data, o tema, o espaço do concerto e as bandas, avançamos em Abril com a elaboração de um *draft* do cartaz de divulgação do concerto e do sorteio. Foram ainda elaboradas as rifas a sortear. Coube-me ajudar os alunos na elaboração destes elementos e os ajustes finais. Os cartazes foram distribuídos por mim e pelos alunos e foi feita a divulgação nas redes sociais. Quando já estava tudo encaminhado realizou-se uma última reunião com o estabelecimento que acolheu a iniciativa para o ajuste de pequenos detalhes. Nessa reunião fomos informados da ausência de licença camarária por parte do estabelecimento para realizar o evento pelo que, a coordenação do Projeto RiAgir, a Cáritas Diocesana de Aveiro enquanto entidade coordenadora do RiAgir e a EFTA decidimos cancelar o concerto, pois não queríamos estar envolvidos numa ilegalidade. Ficou aberta a possibilidade de realizar o concerto noutra data e possivelmente noutra local. Contudo Independentemente da sua concretização valeu o processo e a minha aprendizagem, do projeto RiAgir e dos Alunos.

Realização de sessões Temáticas Pontuais

Uma das atividades desenvolvidas ao longo do estágio consistiu na preparação e dinamização de algumas sessões temáticas pontuais.

Sessão - Diversidade e Respeito pela Diferença, na EFTA

A primeira sessão temática pontual que realizei durante o estágio foi a sessão sobre Diversidade e Respeito pela Diferença junto de uma turma da EFTA. Esta sessão insere-se no Eixo: II – Intervenção Familiar e Parental, na Ação: Valer Competências

concretizada na atividade *Jovens ...e Tudo*: Programa de promoção de competências pessoais e sociais.

Na preparação dessa sessão procedi à planificação dos conteúdos a serem abordados. As dimensões a explorar foram as do conceito de diversidade, nomeadamente: Diversidade na Etnia, na Religião, na Cultura, na Deficiência e na Orientação Sexual. Atitude de respeito perante o que é diferente dos parâmetros de “normalidade”.

Pretendia-se com esta sessão sensibilizar os alunos para uma atitude de respeito pela diferença. Pretendia-se também que os alunos identificassem os elementos da sociedade onde a diferença se manifesta, pudessem refletir acerca da atitude real e desejável perante a diversidade.

Esta sessão foi estruturada em dois momentos. O momento inicial os alunos foram interpelados no intuito de lhes provocar a reflexão, curiosidade, fomentar a desconstrução de ideias feitas e debate de opiniões.

Num outro momento foi feita uma apresentação das dimensões sociais em que se manifestam diferenças étnicas, culturais, religiosas, sexuais e deficiência. Foi apresentada a atitude real e desejável perante estas diferenças nomeadamente abordando o conceito de respeito pela diferença, não enquanto permissividade, mas enquanto atitude de aceitação da diferença igualmente legítima. Este foi um momento de desconstruir a atitude de tolerância. A ideia que se pretendia transmitir é que não se trata de tolerância mas de respeito. Tratando-se de um público com características específicas foi necessário pesquisar e reunir material em termos de imagens e de música que permitisse transmitir a mensagem de uma forma leve e fluida. No final da sessão, houve lugar à avaliação individual, através do preenchimento de uma ficha de avaliação da sessão.

Sessão na casa municipal da Juventude (CMJ-Aveiro)

Uma outra sessão planificada preparada e dinamizada por mim foi a sessão que teve lugar na Casa Municipal da Juventude designada por “Conversas sobre Família”

Esta sessão inseriu-se na atividade: *Jovens ...e Tudo*: Evolução do Conceito de Família, insere-se na ação Valer Competências do Eixo: II.

Os destinatários desta sessão foram Jovens dos Cursos EPA (Escola Profissional de Aveiro) e utilizadores da CMJ-Aveiro. Na planificação desta sessão centrei-me na Evolução do conceito de família subordinada aos seguintes tópicos: Conceito de família: Conceito da família Contemporânea; a família na História e no Mundo; Família- Pluralidade nas Culturas; Mudanças Jurídicas na Família Portuguesa; Tipos de Família em Portugal no final do séc. XX, Novos tipos de Família no Séc. XXI.”.

Para preparar os conteúdos desta sessão foi necessária alguma pesquisa e consulta de alguns materiais da unidade Curricular de Sociologia da Família, procurando aproximar a abordagem às competências do Público-alvo.

Com esta sessão pretendia-se que os participantes compreendessem o conceito de Família ao longo da História, na Sociedade Ocidental/ Portuguesa e noutras culturas, conhecessem as novas configurações e formações familiares bem como as mudanças jurídicas mais assinaláveis.

Também se pretendia estimular a reflexão acerca do impacto das diferentes famílias na educação de uma criança, que os alunos refletissem sobre os tipos de família ideais e sobre a possibilidade de se escolher a família.

A sessão teve início com um momento de interpelação do público com o intuito de despertar a atenção e o envolvimento sobre o tema. Houve uma participação assinalável.

Seguiu-se a exposição do tema com recurso à apresentação das dimensões em que assenta a constituição da família conceito de família em Portugal e noutras culturas; tipos de família existentes e a sua evolução ao longo do tempo.

Houve lugar a um intervalo e de seguida retomamos a sessão com algumas provocações de forma a promover o debate de ideias.

Com esta sessão nunca houve a pretensão de dar uma aula. O objetivo era lançar as bases para o debate. Este debate foi conseguido com uma elevada participação e um franco envolvimento dos alunos.

No final da sessão houve lugar à avaliação com recurso ao preenchimento de uma ficha.

Sessões dinamizadas no Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ)

As Sessões previstas no Instituto Português do desporto e da Juventude (IPDJ) eram duas. A primeira subordinada ao Tema “como me motivar e ultrapassar a crise” e a segunda subordinada ao tema da “Diversidade e Respeito pela diferença”

A sessão subordinada ao Tema “como me motivar e ultrapassar a crise” inseriu-se na atividade Em Ação da ação: Vês é a nossa Vês do Eixo III. Esta sessão realizou-se no dia 26 de Março pelas 15 horas e teve como destinatários jovens, pessoas desempregadas e comunidade em geral.

A responsabilidade pela planificação da sessão, elaboração dos conteúdos e a dinamização foi-me atribuída.

Numa primeira fase procedi à planificação da estrutura da sessão. Seguidamente, procedi a pesquisa, à consulta e recolha de alguns materiais.

Preparada a sessão procedi à elaboração do Cartaz de divulgação, à elaboração da ficha de pré-inscrição, ficha de inscrição, ficha de Avaliação e do Certificado de participação.

A estrutura planificada obedeceu aos seguintes tópicos: situar a crise no centro do quotidiano, Mudança- És o que quiseses, Recuperar de novo o controlo, Quem é o empreendedor, O que é empreendedorismo, Por onde começar, Documentário” quem se importa” (Fundação EDP) – partilha de algumas vivências e práticas. Debate/partilha. Nesta sessão pretendia-se que os participantes compreendessem a relevância e o peso que a crise tem no quotidiano, a tomada de consciência de que a mudança também passa por cada um ser capaz de agir para mudar o rumo que a vida está a seguir, nesse sentido motivar para recuperar o controlo sobre a própria vida.

Também se pretendia a Identificação das características do empreendedor, situar o empreendedorismo no quotidiano, conhecer os passos a seguir na conceção de uma ideia e na sua concretização.

No final da sessão os participantes preencheram a ficha de avaliação e deram a sua apreciação global verbalmente.

Sessão sobre Diversidade e Respeito pela Diferença

A Sessão sobre Diversidade e Respeito pela Diferença foi marcada para dia 30 de Abril pelas 10h30m. O público-alvo era: Jovens, comunidade escolar e público em geral.

Esta sessão insere-se na Atividade: Jovens ...e Tudo: Diversidade e respeito pela diferença da ação Valer Competências do Eixo: II.

Na preparação dessa sessão procedi à revisão dos conteúdos a serem abordados. Como já tinha preparado este tema para outras sessões apenas tive que corrigir pequenos detalhes, adaptar a imagem da apresentação à imagem do cartaz que também elaborei. Ao nível dos conteúdos procurei aperfeiçoar.

O essencial desta sessão já tinha sido elaborado por mim, anteriormente, para outras sessões subordinadas ao mesmo tema. A sessão realizada na EFTA descrita anteriormente reflete os mesmos conteúdos pelo que não irei repetir a descrição. O trabalho desenvolvido com esta sessão resumiu-se à elaboração do cartaz, a preparação dos certificados, à adaptação da ficha de avaliação e da ficha de inscrição.

Já estava tudo preparado para a realização desta sessão quando na data limite de inscrição concluímos que por número insuficiente de participantes esta sessão seria cancelada.

4.4 Colaborar na capacitação dos mais jovens para o empreendedorismo e inovação social, bem como mobilização e dinamização comunitária, inerente à ação "Vês é a nossa Vez" do Eixo III.

As atividades desenvolvidas para a prossecução destes objetivos já foram descritas anteriormente na descrição das atividades desenvolvidas durante o estágio no âmbito dos quatro eixos do projeto RiAgir.

Interessam aqui as atividades desenvolvidas continuamente com O Grupo Artes de Coração e o Grupo Clube de alunos EFTA.

O objetivo inerente a estes dois grupos distintos é a promoção de competências empreendedoras e de mobilização de grupos de jovens e adultos em situação de desemprego. Este objetivo insere-se no Eixo III.

Por um lado o trabalho desenvolvido com o clube de alunos EFTA insere-se na atividade *Em ação* inerente à ação *Vês é a nossa Vez*.

Por seu turno o trabalho desenvolvido com o Grupo Artes de Coração insere-se em dois eixos. O trabalho desenvolvido no âmbito do Atelier de Artes insere-se na atividade *Em ação* inerente à ação *Vês é a nossa Vez* do Exo III. O trabalho desenvolvido ao nível do Voluntariado com pessoas idosas insere-se na atividade *Aproximar* da ação *Mais próximo a cuidar de Ti* inerente ao Eixo II.

Este grupo é um exemplo da transversalidade das ações do projeto RiAgir. Como se pôde constatar em determinados grupos as atividades inseriram-se em ações de eixos distintos que no entanto são indissociáveis, visto que o trabalho desenvolvido com este grupo ao nível do Voluntariado (no âmbito do Eixo II), não deixa de ser um trabalho de capacitação das comunidades e das instituições que designa o eixo III.

O trabalho desenvolvido com estes dois grupos consistiu no fomento de uma atitude empreendedora abrangendo as mais pequenas partes do todo que é o objetivo de cada um destes grupos. O apoio e orientações dados a estes grupos consistem na utilização de ferramentas e o incentivo da sua utilização, criação hábitos e métodos de trabalho tendo como ponto de partida a metodologia que o projeto RiAgir lhes fornece. O objetivo é que após a vigência da intervenção do projeto RiAgir estes grupos estejam munidos de ferramentas que lhes permitam prosseguir autonomamente.

No que concerne ao clube de alunos EFTA já existia e já possuía os seus objetivos. Neste sentido o projeto apenas lhes vêm proporcionar o desenvolver das competências necessárias para que o seu projeto funcione melhor.

Quanto ao Grupo Artes de Coração, este surgiu após uma sessão subordinada ao documentário “quem se importa” da Fundação EDP. O objetivo deste grupo surgiu depois de debater o que poderiam fazer para melhorar as condições de vida da sua comunidade. A ideia surgiu das pessoas que constituíram o grupo. Este foi um grupo apoiado desde o seu início pelo Projeto RiAgir e pelo CSPNSF.² O Grupo teve início em Novembro de 2013. Trata-se de um grupo constituído por pessoas adultas desempregadas com idades compreendidas entre os 30 e os 72 anos.

² Ver índice de siglas

O Clube de Alunos EFTA é um grupo constituído maioritariamente por elementos do sexo feminino.

Um dos objetivos de estágio era procurar aprofundar os conhecimentos sobre o tema da capacitação para o empreendedorismo. A tarefa de pesquisa e leitura que me permitiram concretizar esse objetivo forneceram-me uma maior compreensão da importância que a capacitação para o empreendedorismo assume nos dias de hoje. Aliada a essa compreensão foi possível perceber como essa importância se verifica no terreno, qual a importância reconhecida pelas pessoas que estão inseridas nos grupos-alvo.

Um dos objetivos de estágio era aprofundar o conhecimento sobre a população abrangida por estas ações.

Nessa área, além do conhecimento que fui adquirindo ao longo do estágio, o meu propósito centrou-se em conhecer quais os objetivos e motivações dos indivíduos para integrar estes grupos, a importância que atribuíam às atividades desenvolvidas no âmbito do grupo a que pertencem. Interessei-me por perceber quais as expectativas inerentes à sua participação no grupo, as competências e mais-valias que esperavam vir a adquirir no desenvolver das atividades do grupo, a importância atribuída ao apoio do projeto RiAgir, os pontos fracos e fortes percecionados no grupo.

Para a concretização desse objetivo realizei entrevistas a dois técnicos do projeto RiAgir. Realizei entrevistas a elementos do clube de alunos EFTA e a elementos do Grupo Artes de Coração Realizei ainda uma entrevista Assistente social do CSPNSF que acolhe este grupo. Estas entrevistas foram, no meu entender, bastante reveladoras e permitiram-me perceber que as minhas leituras no âmbito da capacitação para o empreendedorismo fizeram todo o sentido.

Parte 5| Análise E Interpretação Dos Dados Recolhidos

As entrevistas foram realizadas junto de elementos do Clube de Alunos EFTA, junto de elementos do Grupo Artes de Coração, junto da Assistente Social do Centro Social e Paroquial de Nossa S. de Fátima, técnica responsável por este grupo em Nossa S. de Fátima e junto de dois técnicos do Projeto RiAgir.

As questões das entrevistas formuladas para estes dois grupos diferentes, bem como para com os seus técnicos responsáveis, giraram em torno de duas grandes questões chave, para as quais procurei obter resposta através das entrevistas realizadas:

- 1- Quais as razões e importância reconhecida na frequência das ações/ atividades de Empreendedorismo.
- 2- Quais as competências construídas e impactes esperados nas ações de sensibilização e atividades promotoras do Empreendedorismo.

Dentro da primeira grande questão pretendia-se perceber quais os objetivos/ motivações subjacentes à participação no Grupo. Quando me refiro a grupo, tenho em consideração que para os alunos o grupo é o Clube de Alunos EFTA e para os adultos desempregados é o Grupo Artes de Coração.

Consegue-se perceber entre os elementos do Clube de Alunos entrevistados, que a principal motivação para a participação neste grupo é o gosto em ajudar outras pessoas e a criação de um ponto de ligação com outros colegas.

“ [...] Decidi participar porque gosto de ajudar as outras pessoas. Porque hoje são elas mas amanhã posso ser eu e também é importante porque em termos pessoais, como referi, gosto de ajudar as pessoas e dá-me motivação no dia-a-dia.” (E1)

No que diz respeito às motivações subjacentes à participação no grupo Artes de Coração, os elementos entrevistados deixam transparecer como principais motivações a necessidade de sair de casa. A necessidade de ter uma ocupação e de interagir com outras pessoas e a necessidade de fazer alguma coisa para melhorar a vida da comunidade em que estão inseridas. De acordo com a informação transmitida por uma das entrevistadas este grupo formou-se no seguimento de uma sessão em que assistiram ao documentário “Quem de Importa?”

“ [...] Desse documentário surgiu uma questão que era “ o que é que eu posso fazer para transformar o sítio onde eu estou e a minha realidade. [...] Essa questão foi colocada ao grupo e foi lançada a possibilidade de criarmos um espaço onde cada pessoa pudesse desenvolver as suas competências e ensina-las a outras pessoas.” (E 5)

Destacam-se dois objetivos/motivações que norteiam os elementos entrevistados a participar neste grupo: A vontade de aprender mais, pela partilha de saberes, tendo em vista a construção de competências que lhes permitam ter um estilo de vida ativa, capacitar-se para integrar o mercado de trabalho; A vertente solidária, a vontade de se sentirem úteis à comunidade, de verem o seu trabalho reconhecido e beneficiar as pessoas da comunidade com o seu trabalho.

Pode constatar-se que as motivações comuns são a ligação entre as pessoas que constituem o grupo e a vertente solidária que ambos os grupos possuem.

Os elementos do Clube de Alunos atribuem a mais-valia à colaboração do RiAgir mais ao nível de sofisticação de metodologias e da ambição. Atribuem ainda ao projeto a capacidade de pensar sem receio, sistematizar as ideias e construir um plano, atribuem ainda ao apoio do projeto a capacidade da construção de boas práticas de trabalho.

“É muito importante porque se calhar com o projeto nós fazemos projetos mais à frente, no sentido de sermos mais ambiciosos, abraçarmos causas mais estimulantes e utilizarmos metodologias mais sofisticadas do que seria se fossemos apenas nós a pensar em projetos e a executa-los.” (E1)

Por seu turno ainda em consonância com o que fora dito pelos entrevistados do Clube de Alunos, os entrevistados do Grupo Artes de coração evidenciam ainda maior apreço, maior reconhecimento da importância do contributo do projeto RiAgir.

“Eu penso que sem o apoio do projeto RiAgir o grupo não estava neste momento como está, com o sucesso que tem. O projeto RiAgir tem dado muito apoio ao nível de organização dos ateliers, da organização do próprio grupo, o levantar de questões sobre como é que se organiza um grupo, questões desde organizar o regulamento, organizar as pessoas em si [...] as pessoas tem conseguido evoluir num sentido de o grupo estar já

numa fase mais madura e consistente e perceber quais são os seus objetivos e por onde é que devem caminhar. Penso que realmente é um grande suporte para o grupo.” (E5)

Estes entrevistados revelam aquilo que é a sua visão e que julgam ser a visão geral dos elementos do grupo. Há um grande reconhecimento da importância deste trabalho de sensibilização, preparação e capacitação em iniciativas empreendedoras. Há um reconhecimento de uma aprendizagem contínua nos processos de metodologias, seguidas no desenvolver das suas atividades. Começa a evidenciar-se uma maior consciência dos seus objetivos, da sua capacidade de definir os caminhos e quais as metas que pretendem alcançar, atribuindo esta capacidade desenvolvida ao apoio prestado pelo projeto RiAgir e á assistente social do CSPNSF.

Quanto às atividades, objetivos e metodologias desenvolvidos no âmbito do Clube de Alunos, os entrevistados descrevem-no como um grupo de alunos que se reúne semanalmente com o objetivo de promover iniciativas com fins solidários. De acordo com os entrevistados as ideias são partilhadas e discutidas para cada fase da planificação de uma iniciativa.

“O projeto do Clube de Alunos surgiu porque havia pessoas com carências, pessoas que não conseguiam pagar as senhas ou havia pessoas que não conseguiam ir para certos locais de estágio por falta de recursos económicos e então este clube de Alunos surgiu para ajudar as pessoas que hoje não podem, mas se daqui por uns tempos já poderem, devolvem a ajuda que receberam, que vai servir para outros colegas.” E3

“Na elaboração dessas atividades reunimos e apresentamos ideias depois vamos discutindo aquelas que são mais consensuais e mais pertinentes, e por fim, partimos para as tarefas necessárias no desenvolvimento dessas iniciativas.” E2

Os entrevistados do grupo Artes de Coração descrevem as suas atividades enquanto partilha de saberes desenvolvida em ateliers de artes e enquanto atividades de voluntariado com pessoas idosas. Entre os entrevistados percebe-se a perspectiva da vertente de ateliers se desenvolver ao ponto de se tornar um negócio que sirva não só de sustentabilidade para o grupo como também uma forma de sustento dos elementos do grupo. Entre os entrevistados foi referida a possibilidade de criação de uma cooperativa.

“Em primeiro lugar o nosso objetivo era criarmos o nosso próprio negócio, termos alguém a quem começássemos a vender os nossos trabalhos para termos um fundo de maneio para comprar o material necessário mas [...] depois também crescer e começarmos a tirar partido disso. Chegamos ao final do mês e até termos algum dinheiro extra para dividir pelos elementos do grupo. (E6)

Os entrevistados do Clube de Alunos afirmam considerar que o trabalho desenvolvido no grupo está a promover a capacidade de interagir com os colegas independentemente de estes terem ou não afinidades pessoais. Os entrevistados identificam que no futuro profissional deverão ser capazes de lidar com diversos tipos de pessoas quer gostem ou não. Os entrevistados afirmam estar a desenvolver mais a sua autoestima, o seu sentido de compromisso, uma postura mais interessada, empenhada, uma postura mais empática aos problemas que os rodeiam, o que consideram importante para se tornarem bons cidadãos e profissionais. Consideram ainda que o trabalho desenvolvido neste grupo lhes permite desenvolver capacidades como serem criativos, desenvolverem pesquisas, comunicarem as suas ideias, respeitarem as ideias partilhadas pelos colegas, o discernimento da pertinência e exequibilidade das ideias, a definição de limites temporais para a realização das tarefas no processo de concretização de uma ideia.

Sim. Considero. [...] De certa forma a colaboração mútua permite-nos aprender a fazer as coisas de uma forma quase natural. Quase que vamos interiorizando estas práticas e atitudes de forma espontânea em interação uns com os outros. [...] Consigo perceber capacidade que desconhecia. [...] E de repente aprende-se mais uma ferramenta útil, sem ser algo imposto ou forçado. Quase na brincadeira. Aos poucos vamos reunindo um conjunto de aprendizagens que são ferramentas valiosas. [...] E uma pessoa começa a perceber um conjunto de passos do processo que uma iniciativa implica. Começa-se a ter a noção de um conjunto determinado de passos que são necessários e começa a perceber que até já consegues movimentar-te nesse processo. (E3)

Os elementos do Grupo Artes de Coração entrevistados atribuem uma importância muito significativa às atividades desenvolvidas e ao próprio grupo, quando questionados acerca das aprendizagens e competências adquiridas. Destaca-se a autoconfiança que têm vindo a desenvolver ao longo da sua participação no grupo. Referem que aprendem com a partilha de conhecimentos e que fruto dessa aprendizagem já se sentem capazes de realizar tarefas das quais não tinham domínio e que na ausência das colegas que lhes

ensinaram, conseguem prosseguir. Consideram que o espaço dado às atividades tem potenciado o desenvolvimento de competências a nível pessoal e social e assumem a importância destas capacidades no desenvolver de outras a nível profissional. Admitem que no âmbito profissional deverão ser portadoras de determinados valores e hábitos.

“Sim. [...] Começa a notar-se alguma autonomia nos elementos do grupo. Começamos a reconhecer mais as nossas capacidades e a avançar sem medo, mesmo quando esta ou aquela que tem mais experiência não pode assumir as tarefas. Ou seja, não ficamos à espera umas das outras para fazer as coisas. Se a pessoa não está porque não pode, avançamos nós.” (E4)

“Na verdade considero que as atividades desenvolvidas neste grupo têm promovido uma confluência de saberes que nós adquirimos ao longo da vida e que desvalorizávamos. [...] Aprendemos competências como partilhar e organizar as ideias, como tomar iniciativas e sermos capazes de ser empreendedoras nas mais pequenas iniciativas que desenvolvemos. [...] Criamos hábitos e métodos de trabalho que nos tornam mais autónomas sobretudo [...] quando ficarmos a trabalhar sem o vosso suporte.” (E6)

Um outro aspeto salientado por uma das entrevistadas foi a competência desenvolvida de estar atenta às necessidades e de tomar a iniciativa proactivamente.

“Considero também que a nível profissional vai ser muito útil a aprendizagem que estou a desenvolver aqui. [...] Tudo isso são aprendizagens que nos permitem no futuro desenvolver melhor as tarefas associadas ao emprego. [...] O que nos ajuda a ser autónomos e a tomar a iniciativa, quando vemos que é preciso de fazer algo não temos que estar sempre à espera que nos digam o quê e como o fazer. (E2)

“Este projeto está a ajudar muito e reconheço que isso me está a dar mais-valias. Por exemplo nem toda a gente tem competência para comunicar, para tomar a iniciativa de contactar com esta ou aquela entidade saber como o fazer de forma assertiva, muitas vezes vencendo a timidez em falar com pessoas desconhecidas ou com diferentes instâncias.” (E3)

Os entrevistados do Grupo Artes de Coração revelam alguma consciência das dificuldades de integração no mercado de trabalho nomeadamente por se tratar de pessoas adultas em situação de desemprego.

No entanto é assinalado o reforço da esperança e a confiança que os elementos deste grupo tem vindo a desenvolver com as formações e com as atividades desenvolvidas. Se por um lado Reconhecem a mais-valia das formações em geriatria e as atividades de voluntariado com pessoas idosas, por outro lado também vêm potencial de desenvolvimento e integração profissional por via da formação de uma mini-cooperativa de trabalhos artesanais que possa colocar os elementos mais ativos deste grupo novamente no mercado de trabalho.

“ No meu entender, a idade da maioria de nós é um elemento contra a nossa integração no mercado de trabalho. [...] No entanto, o grupo Artes de coração tem promovido em todas nós o desenvolver de competências. [...] Esse processo de pensar mais sobre as coisas que fazemos ou pretendemos fazer ajudou-nos e acho que isso pode ser um ponto positivo, uma vez que agora as nossas competências estão mais estruturadas, desenvolvidas e além de nós as reconhecermos outras entidades começam a reconhecer o nosso trabalho. Isso abre muitas portas.” (E6)

“ Sem dúvida. Mas vejo a possibilidade de podermos todas juntas formar uma cooperativa como forma de pelo menos realizar mais algum rendimento.” (E4)

Os entrevistados do Clube de Alunos EFTA, são unânimes em afirmar que a escola deve promover competências empreendedoras junto dos jovens porque estas resolvem questões de duas ordens distintas; por um lado capacita os alunos enquanto cidadãos e profissionais, por outro, iniciativas deste tipo são reconhecidas como um reforço positivo para que mais alunos possam prosseguir os seus estudos. Consideram que este tipo de iniciativas por parte da escola deverão ter um cunho mais vinculativo para os alunos através de um espaço formativo onde fosse fornecido um conjunto de competências técnicas vocacionadas para o reforço de atividades de caráter empreendedor.

“Acho que é muito importante que esta escola promova iniciativas como estas. Esta escola e as outras também. [...] No meu entender a própria escola já deve ter esta

estrutura de promoção de competências de forma facultativa, mas também integrada no plano curricular. Todas as escolas deveriam ter uma estrutura de ajuda como este clube porque eu considero que se desde cedo começarmos a ter o valor de ajudar e com isso desenvolvermos um maior espírito de iniciativa, como numa atitude de “dizer” vamos fazer isto, vamos levar aquilo para a frente, se desde cedo isso começar a ser cultivado nos jovens eles serão melhores pessoas mais preparadas.” (E3)

Os elementos do Grupo Artes de Coração considerarem importante que instituições locais como o Centro Social e Paroquial de N S Fátima promova iniciativas que ajudem as pessoas desempregadas a desenvolver competências. Afirmam que ao promover estas iniciativas as instituições locais vão promover a integração das pessoas desempregadas, mantendo-as ocupadas com algo estimulante. Além de desenvolver habilidades e conhecimentos, vão potenciar a reintegração no mercado de trabalho.

“Eu acho que as instituições locais têm um papel muito importante ao apoiar grupos como o nosso. [...] Cada um de nós estaríamos isolados e limitados à vida doméstica e isso é muito frustrante, porque deixamos de ter vida própria, [...], deixamos de ter um sentido para o nosso quotidiano. Com uma estrutura de apoio podemos partilhar conhecimentos e experiências, temos formações e aprendemos fazendo. Voltamos a ganhar autoestima e motivos para sentirmos orgulho porque temos algo por que gastar as nossas forças, temos uma nova razão de viver que nos pode conduzir a crescimento e progresso.” (E6)

Dentro da segunda grande questão, que norteou as entrevistas, pretendia-se perceber quais as competências construídas e impactes esperados da participação no Grupo. Quando me refiro a grupo, tenho em consideração que para os alunos o grupo é o Clube de Alunos EFTA e para os adultos desempregados é o Grupo Artes de Coração.

Quando questionados sobre quais são para si as competências mais importantes a adquirir num projeto deste tipo os entrevistados do Clube de Alunos EFTA salientam a capacidade de se libertarem da timidez e o desenvolver maior confiança nas suas capacidades de maneira a conseguirem expor os seus pontos de vista e comunicarem as

suas ideias, a capacidade de interagir com diferentes personalidades, de traçar metas e metodologias de execução.

“Uma pessoa perde parte da sua timidez e começa a deixar fluir as ideias.” (E1)

“As competências aqui desenvolvidas ajudam-me a nível pessoal, sobretudo no que respeita os meus objetivos pessoais e acreditar nas minhas capacidades de concretização de objetivos. Este projeto serve-nos também para nos ensinar a discernir até que ponto é que é viável ou não a execução de um projeto. (E3)

Os entrevistados do Grupo Artes de Coração, perante a mesma questão, destacam o saber fazer e saber ser, o saber comunicar, resgatar a pessoa que eram antes de ficarem desempregadas e superarem-se. Deixam transparecer a importância de se tornarem capazes de ousar pensar em alternativas e formas de melhorar constantemente. A consciência do poder que se tem enquanto grupo e do valor que cada elemento possui. Admitem ter mudado as suas vidas.

“O saber fazer e o saber ser. A forma de estar na vida e em sociedade. [...] Nós quando ficamos muito tempo desempregadas e estamos isoladas em casa muito tempo “estupidificamos” começamos a achar que não sabemos nada, que não temos competências, perdemos a coragem e a voz. [...] O grupo Artes de coração ajuda-me a ver o eu que está do outro lado do espelho, corajosa, lutadora, que tem muito para ensinar e muito para aprender e que ainda vai conseguir fazer muitas coisas uteis. [...] Antes não estava a ver a imensidão de possibilidades que com vontade e empenho podem ser feitas para melhorar a nossa realidade e capacitar mais as pessoas. [...] Dou muito valor ao que se gerou aqui. (E4)

Quando questionados sobre quais são as competências que consideram que já possuíam antes deste projeto e quais aquelas que esperam vir a desenvolver os entrevistados do clube de alunos EFTA referem quase em unanimidade que já existia a motivação, o interesse e o espírito solidário. Quanto às competências que esperavam vir a desenvolver, referem a capacidade de deixar fluir e comunicar as ideias, de tomar a iniciativa, de impulsionar positivamente o grupo para levar as ideias a bom porto e

perder o medo de falhar e de assumir riscos. A capacidade de liderar o grupo, quando necessário.

“A competência que eu tinha era a competência de ser solidário. Neste momento eu não tenho aquela coisa de “vamos fazer” porque tenho sempre algum receio de dar a cara por uma causa e de falhar. [...] Mas acredito que aos poucos se eu continuar a trabalhar neste grupo [...] vou conseguir ganhar mais confiança em tomar mais a iniciativa. Nisso considero que o Clube de Alunos está a ser um grande contributo. Este aspeto era algo que eu esperava que o Clube de Alunos me viesse a ajudar. [...] Uma outra característica que se desenvolve no clube de alunos é deixar fluir as ideias.” (E3)

Os entrevistados do Grupo Artes de Coração, perante a mesma questão, demonstram que já possuíam a vontade de aprender e de trabalhar, já sabiam fazer algumas das atividades dos ateliers que partilham entre si e já possuíam apetência na para a componente solidária. Aquilo que pretendiam adquirir com este grupo era a capacidade de serem desenvolvidas competências que lhes facilitasse a empregabilidade ou assegurasse um meio de subsistência e que lhes permitissem desenvolver melhor o seu trabalho enquanto voluntários/as junto das pessoas idosas da comunidade.

“Aquilo que eu esperava vir a desenvolver era a competência de tomar mais a iniciativa, acreditar mais em mim, aprender a falar com todo o tipo de instituições e pessoas. Gostava muito de aprender a planificar uma atividade e de certa forma aprendi [...] aprendo a pensar estrategicamente para aproveitar ao máximo os acontecimentos e os recursos que estão à minha disposição, com as formações que estão a decorrer também aprendemos como lidar melhor com a pessoa idosa. Estas duas vertentes tem me ensinado muitas coisas e penso que pode abrir portas na área da geriatria e na área do artesanato.” (E6)

Quando questionadas sobre até que ponto este projeto se adequa às suas expectativas e necessidades de aprendizagem, os entrevistados do Clube de Alunos referem que o projeto desenvolvido neste grupo se adequa bastante às suas expectativas e necessidades de aprendizagem. Consideram que no seu futuro as aprendizagens desenvolvidas irão constituir mais-valias. Referem estar satisfeitos com o projeto visto identificarem-se

com a sua missão e objetivos. Assumem mesmo que estas aprendizagens estejam a superar as suas expectativas. Ressaltando entre as aprendizagens a capacidade de interagir com as diversas instancias com que necessita de comunicar.

“Bastante. Chego à conclusão de que estas aprendizagens recebidas ao longo desta participação no clube de alunos, afinal é bem mais útil do que aquilo que se esperava. Para mim talvez a capacidade de comunicar com as diversas instancias e saber como fazê-lo é aquilo que eu identifico como a maior competência que estou a adquirir no clube de alunos para o futuro profissional. (E2)

Perante a mesma questão os entrevistados do Grupo Artes de Coração referem que superam as suas expectativas e que vão de encontro às suas necessidades de aprendizagem.

No entanto identificam a importância de se intensificarem os ateliers, o que reflete a importância que este grupo assume nas suas vidas. As pessoas esperavam ocupar mais o seu tempo e sentirem o seu trabalho valorizado e sentem que essa expectativa se cumpre. Por outro lado pretendiam com este grupo estabelecer rotinas para a sua vida além da vida domestica e isso é uma realidade alcançada.

“Este grupo devolveu-nos a dignidade. Esperávamos aprender umas com as outras e conseguimos muito mais que isso. Aprendemos a organizar as atividades do grupo tanto no âmbito dos atelier’s como do voluntariado o que supera as nossas expectativas iniciais. Quando entrámos para este grupo as expectativas não passavam de aprender mais alguma coisa e ocupar um pouco o nosso tempo durante o dia, pretendíamos ajudar os idosos e com isso sentimo-nos pessoas mais realizadas, mas sem dúvida aprendemos muitas mais coisas que aquilo que imaginávamos à partida.” (E6)

Quando questionados quanto à perceção de eventuais lacunas, que ultrapassadas permitissem ao projeto funcionar melhor os elementos entrevistados do Clube de Alunos referem que existem lacunas ao nível da organização. Por um lado por considerarem que a escola necessita de iniciativas mais amiúde para ser uma escola mais dinamizada.

Por outro lado também é apontado como lacuna o pouco envolvimento dos alunos na preparação das atividades e iniciativas. Além disso, é apontado como lacuna o horário das reuniões que também não ajuda à participação dos alunos visto que é uma hora no final das aulas em que a maioria dos alunos tem transportes para apanhar. É ainda apontada como lacuna alguma falta de sentido de compromisso, porque no início do ano assumem o projeto e depois a meio do ano muitos deixam de aparecer, tornando as tarefas dos restantes elementos muito mais difíceis.

“Uma boa maneira de cativar mais alunos a participar ativamente integrando o Clube de Alunos era a escola ajustar os horários de forma a que as reuniões não fossem no fim do dia quando os colegas tem transportes para apanhar e estão mais cansados.” (E2)

Perante a mesma questão os elementos entrevistados do grupo Artes de Coração referem que uma das lacunas é a limitação de tempo dedicado aos ateliers. Segundo os entrevistados o grupo poderia desenvolver-se muito mais se houvesse um outro dia além do existente, para a realização de ateliers.

“A lacuna que eu vejo é nível do financiamento. Se nós tivéssemos um orçamento específico para este grupo realmente poderíamos realizar outro tipo de atividades. Mas com o facto de o orçamento disponível estar a ser fornecido pelo projeto RiAgir e pelo Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Fátima podemos ter algumas limitações.”(E5)

Quando questionados sobre a possibilidade de melhorar alguns aspetos em futuros projetos, os entrevistados do Clube de alunos EFTA referem a possibilidade de se melhorar no sentido de se intensificar as atividades. Por outro lado também são referidas possíveis melhorias no que concerne à produtividade das reuniões do Clube de Alunos, apontando a sugestão das reuniões poderem durar mais tempo. São propostas melhorias no que respeita às tarefas desenvolvidas no sentido de avançar mais na concretização das ideias, tarefas em sala e não apenas discutir as ideias.

E ainda destacada a importância de maior sentido de compromisso por parte dos colegas.

“Eu penso que fora a questão do *timing* em que as reuniões são desenvolvidas, o resto está bem, mesmo em termos de espaço julgo ser o adequado. [...] Sobretudo pode melhorar mais em termos de empenho porque há algumas ideias que nós tínhamos e temos podiam ser realizadas, e não foram por falta de empenho.”(E2)

Quando questionados sobre a mesma possibilidade os entrevistados do Grupo Artes de Coração apontam áreas onde se deverá apostar nomeadamente em formação técnica ao nível informático, ao nível dos passos necessários para realizar um plano de negócios, como elaborar uma carta de apresentação e um curriculum. Sugerem que o grupo deve dar mais um passo no sentido de se profissionalizaram nas áreas em que atuam.

“Eu acho que devia haver mais tempo não só para a realização dos ateliers mas também para nos ensinarem a funcionar com um computador, pelo menos no básico, aprendermos a fazer um curriculum, um PowerPoint, um cartão-de-visita, uma pagina na internet para divulgarmos o nosso trabalho. Acho que deveríamos procurar parcerias que nos permitissem desenvolver um negócio, para comercializarmos os nossos produtos e serviços tanto na área dos cuidados de geriatria como ao nível do artesanato. Penso que isto é possível com os apoios certos.”(E6)

Mediante as aprendizagens adquiridas ao longo do projeto os entrevistados do Clube de Alunos, quando questionados sobre a possibilidade de vir a criar outros projetos sociais ou profissionais respondem afirmativamente. Consideram importante estar envolvidos em projetos e preferencialmente desde a sua criação. Outros referem sentir aptidão para a criação tanto de projetos de cariz social como empresarial. Há inclusive um entrevistado que refere a intenção de concretizar um projeto que vai elaborar em breve.

“Esse é um projeto que vou fazer durante o próximo ano, leva o ano inteiro a preparar e depois vai ser apresentado a um júri e se for considerado um projeto muito bom para ser implementado. Quando acabar o meu curso é algo que gostaria de concretizar” (E1)

“Sim sem dúvida que encaro essa possibilidade. Se eu conseguisse gostaria de estar à frente de um projeto de cariz social. Eu gosto dessa área do trabalho, desenvolvido em

prol da melhoria das condições das pessoas da comunidade que vivem em condições mais difíceis.” (E2)

Perante a mesma questão os entrevistados do Grupo Artes de Coração, respondem afirmativamente. No entanto vêm mais essa possibilidade enquanto associação ou cooperativa. Afirmam inclusive que esse é um dos objetivos de que foram tomando consciência com o desenvolvimento do grupo. Chegar até ao momento presente permite-lhes vislumbrar esse horizonte.

“Sinceramente eu acho que sim. Que pelo menos nós que estamos mais empenhadas e que temos permanecido no grupo ao longo deste percurso temos vindo ganhar a consciência de que essa é uma forte possibilidade. Ganhamos confiança pelo que fazemos. Fazemos algo que gostamos e porque não tirarmos daí um rendimento?!. A profissionalização da nossa atividade não invalida que mantenhamos um caráter voluntário, reservando algum tempo para tal. Na minha opinião, juntas estamos a adquirir a confiança e a capacidade para encarar este e novos projetos que venham a surgir no nosso caminho.” (E6)

Os entrevistados do Clube de Alunos demonstram confiança na capacidade de ultrapassar ou contornar as limitações que eventualmente possam surgir na criação de um projeto. Admitem que o mais importante é a sua atitude e que isso está a ser desenvolvido positivamente de modo a poderem pensar em estratégias.

Uma dificuldade que admitem poder surgir é a possibilidade de enveredarem por uma área que mediante as transformações do mercado, possa ficar desajustada. Uma outra dificuldade referida é a questão da competitividade. Para essa dificuldade consideram ser importante estudar inovar em algum pormenor na área de atuação em que se venha a inserir. Um outro aspeto salientado é a aquisição de um espaço para um projeto.

“A questão da competitividade. Teria que recorrer a algumas estratégias para superar estas dificuldades. Tentaria estudar ao máximo o que este tipo de atividades que estas empresas fazem de forma a poder fazer algo inovador que me distinguisse e me tornasse competitiva.” (E2)

Por sua vez os entrevistados do Grupo Artes de Coração referem que as maiores dificuldades são o financiamento e a obtenção de um espaço. Contudo adiantam que tem o apoio do CSPNSF para o espaço e a nível financeiro reforçam a força de vontade coletiva para transpor essa barreira.

“Em princípio num negócio encontramos sempre algumas dificuldades, a nível de espaço e a nível financeiro. Mas o espaço não seria problema com o apoio do CSPNSF tínhamos espaço. Mas financeiro poderia ser. Mas com força de vontade e em grupo haveríamos de conseguir apoios e ganhar fundo de maneiio para começar.” (E4)

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Neste momento importa refletir sobre as conclusões retiradas a partir dos resultados obtidos.

Educar e sensibilizar para o empreendedorismo é dotar os indivíduos de outra visão, outra atitude perante as práticas quotidianas, os problemas e os desafios.

No entender dos técnicos do Projeto RiAgir a importância da educação para o empreendedorismo delega nos indivíduos habilidades de independência para, assim, se serem autónomos. de acordo com os técnicos esta ação conduz a níveis de organização e criação do pensamento, consciencializando os indivíduos para necessidade e vontade própria de conquistarem um novo rumo para as suas vidas. Não basta ter ideias é necessário desenvolvê-las, pois só assim estas práticas ficarão assimiladas pelos indivíduos. Assim, esta via leva-os a reconhecer o seu potencial de autonomia e fornece-lhes ferramentas para prosseguir com os seus projetos.

Na perspectiva dos entrevistados, esta sensibilização introduz um elemento importante, a perspectiva, pois ajuda-os a pensar em si mesmos, nos outros e vêem-na como uma oportunidade de inserção no mercado de trabalho, tradutora de reintegração profissional e social.

Confirma-se, portanto, que pela via da sensibilização para o empreendedorismo os indivíduos adquiriram um conjunto de mais-valias após a sua integração nos grupos Clube de alunos e Grupo Artes de Coração, ao nível da motivação e da alteração das expectativas, verificando-se uma melhoria dos níveis de resiliência, uma forte autonomia, determinação, criatividade, tomada de consciência das capacidades e autoestima. Considerando que promover este tipo de competências é um trabalho moroso e árduo que por vezes requer alguma capacidade de adaptação por parte dos técnicos. Assim, é necessário, cada vez mais, a aplicação de métodos pedagógicos estimulantes, por exemplo aprender fazendo, como o promotor da formação, perspectivando um ambiente favorável para que o indivíduo, com o apoio dos técnicos de acompanhamento, construam essa atitude empreendedora. É através dessas competências adquiridas que os indivíduos se sentem mais capazes de ir à procura e de conquistar o sucesso no mercado de trabalho e em outros diversos contextos, revelando-lhes novos horizontes que muitas vezes se encontravam ocultos. Contudo, pudemos verificar, que dotar os indivíduos de

competências não é garantia de reintegração social, pois existem inúmeros fatores que contribuem para essa integração, havendo fatores inibidores que advém do contexto, constrangimentos pessoais, como as inseguranças que muitas vezes se sobrepõem à capacitação empreendedora.

Não obstante, a cultura empreendedora coloca os atores sociais na disseminação do empreendedorismo promovendo práticas e valores no sentido da iniciativa dos indivíduos, da sua valorização, e ensinando a reagir perante as mudanças contextuais. Desta forma, o empreendedorismo tem sido entendido numa lógica de que trabalhando com os indivíduos eles terão maiores possibilidades de se integrar social e profissionalmente. As medidas de ativação são fundamentais neste contexto pois colocam o indivíduo de novo no seio da sociedade pela sua integração em atividades socialmente úteis. “Elas destinam-se a estimular a autonomia dos trabalhadores e atuar como trampolim entre situações de exclusão e uma efetiva inserção socioprofissional” (Hansen & Hespanha, *apud* Hespanha, 2008:11)

Todavia, é esquecida ou desvanecida a ideia de que para que essa integração exista são necessárias estruturas de oportunidades adequadas que sejam cada vez mais descentralizadas. “As novas metodologias de abordagem implicam também uma ação descentralizada e a partilha de responsabilidades e de ação com as organizações da sociedade civil.” (Hespanha, 2008:6) Assim, é possível minimizar assimetrias no acesso às infraestruturas e apoios.

Acresce aqui, clarificar que o empreendedorismo é muito útil enquanto mote para uma atitude mais empenhada, mais atenta e mais audaz, o que não implica a criação de uma empresa. Sabemos que o empreendedorismo acarreta virtudes e perversidades. Se por um lado pode centrar-se na obtenção de lucro individual, por outro lado pode também servir à criação de valor social. É esse que aqui procuramos ressaltar, sobretudo enquanto tónica para aprendizagens e capacitação dos indivíduos, das comunidades e das instituições.

Em termos genéricos, considero que este estudo empírico é canal de esperança, pelos contributos e reflexões que pode trazer para as políticas e práticas ao nível da intervenção em contextos socialmente desfavorecidos e escolares, bem como uma valorização de estratégias de aprendizagem construtivas. A sociedade deve tomar consciência da importância deste tema e reconhecer que empreendedorismo além de ser

importante no campo lucrativo, também é um motor de inovação e de geração de valor coletivo. Neste sentido espera-se que este estudo possa contribuir no âmbito das estratégias futuras nomeadamente o recurso a metodologias enérgicas em práticas empreendedoras que se apliquem à criação de microprojectos, microempresas, incentivando as empresas na contratação de jovens e desempregados de longa duração, através de parcerias; experienciando aprendizagens através da educação informal, com ênfase na partilha e prática de experiências ao nível local.

Em trabalhos futuros seria pertinente ir um pouco mais além, compreendendo os percursos dos indivíduos, após a conclusão dos seus estudos, no caso dos jovens e na continuidade do percurso dos desempregados em grupos como o Artes de Coração, para que seja possível perceber a existência ou não, resultados reais ao nível dos contributos para a sua empregabilidade ou criação do próprio negócio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo este trabalho, tanto a nível teórico como a nível prático, levaram a que tivesse uma visão abrangente da intervenção desenvolvida nos CLDS nomeadamente ao nível da capacitação e sensibilização para o empreendedorismo, tanto em contexto escolar como em contexto comunitário.

A visão obtida do lado científico coincidiu, em geral, com a visão obtida no terreno. Na realidade é necessário envolver o público-alvo da nossa ação, naquilo que é o trabalho que se pretende desenvolver. O lado positivo de se falar de empreendedorismo e de se trabalhar a questão do mesmo acaba por ser a questão de mobilizar as pessoas para um bem comum. Mobilizar os indivíduos, é não somente para criar coisas novas, mas para inovar através de práticas existentes ou através de estratégias pouco sedimentadas que começam a ser exploradas. Quando existem muitas carências e quando existem muitos indivíduos com as mesmas, estes sentem a necessidade de se juntar e de partilhar estratégias e recursos para rentabilizar os seus esforços em prol da resolução dos seus problemas. Este facto passa pela noção de empreendedorismo e inovação social. Foi possível reconhecer a importância de sensibilizar os indivíduos para terem o empreendedorismo como um princípio de vida e perceber que uma atitude empreendedora não é necessariamente inata, visto que, pode ser construída e desenvolvida pela educação que se desenvolve na escola, nos grupos de pares e na comunidade. O projeto RiAgir atua junto de vários públicos, desde crianças, jovens e pessoas numa situação de desemprego. Estas questões básicas acabam por ser importantes para todos esses públicos.

Uma postura que identifiquei no trabalho de sensibilização para o empreendedorismo num projeto como é o RiAgir, foi a empatia. Porque é a essa que permite desenvolver um trabalho mais ajustado às realidades dos indivíduos para os quais são desenvolvidas as ações. Hespanha (2008:5) corrobora a afirmação anterior ao referir-se às diversas vantagens da abordagem por projeto. "...a proximidade dos problemas: existe um melhor conhecimento da realidade local, uma maior facilidade de participação dos interessados e uma maior legitimidade da intervenção...".

Um outro aspeto que saliento das aprendizagens desenvolvidas ao longo do estágio é o reconhecer a importância de um projeto quando ele é gerado no seio do próprio grupo, quando são os indivíduos que identificam as necessidades para as quais procuram

resposta. São as pessoas que sentem as dificuldades que têm propostas e potencialidades para solucionar essas mesmas. Podem não ser as mesmas necessidades que as identificadas pelos técnicos, contudo são as que podem motivar os sujeitos à ação. Como referido ao longo do relatório foi promovido um espaço no interior dos dois grupos em análise, para a sensibilização destes para uma atitude empreendedora e capacitação destes, dotando-os de ferramentas que lhes permitam autonomizar-se e crescer enquanto cidadãos e enquanto empreendedores. O trabalho desenvolvido visa potenciar uma melhor integração social e profissional, quer dos jovens em ambiente escolar, quer das pessoas desempregadas inseridas na comunidade.

O meu estágio, no projeto RiAgir, permitiu-me desenvolver as diversas tarefas inerentes às ações do projeto junto destes grupos. Nesse sentido foi-me dado reconhecer todo o potencial que as pessoas nestas condições possuem. Trata-se de pessoas com contextos que não promovem o desenvolver das suas aprendizagens, contudo devidamente reunidas, motivadas e orientadas desenvolvem as aprendizagens necessárias para o desenvolver de uma atividade seja ela de cariz social ou de cariz empresarial.

Concluindo, a experiência de estagiar no Projeto RiAgir, foi de extremo enriquecimento a nível pessoal, académico e profissional. Com isto quero dizer que ao trabalhar com estes grupos tive a possibilidade de aprender muito mais do que os procedimentos inerentes ao trabalho num CLDS. Assistir e participar do crescimento destes grupos e destes indivíduos foi para mim um exemplo de superação. Admito que muito embora lhes faltassem as ferramentas para serem bem-sucedidos estes indivíduos são verdadeiros empreendedores, mesmo que muitos deles nem empreguem esse termo no seu quotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Isabel e Abreu, Alexandre (2006), Dimensões e Espaços da Inovação Social, Finisterra, 81: 121-141.

ASHOKA INNOVATORS FOR THE PUBLIC. (2000) Selecting Leading Social Entrepreneurs, Washington.

BARBOSA, Luís Marques *et al* (1990), A formação Jovem – Um modelo interativo. Porto: Edições ASA.

BASTOS, Maria Flávia e Ribeiro, Ricardo Ferreira (2011) Educação e empreendedorismo social: um encontro que (trans)forma cidadãos. Revista. Diálogo Educação., Curitiba, vol. 11, n. 33, p. 573-594.

BECKER, Fernando. O que é o construtivismo? Ideias, n. 20. São Paulo: FDE, 1994. p. 87-93. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf>. Consultado em: 14 de Junho. 2014.

BUCHA, Agostinho de Inácio (2009), Aprender a saber ser empreendedor. Lisboa: Editora RH.

CARITAS DIOSESANA DE AVEIRO. Pagina Consultada em 01de Outubro de 2013, Disponível em: <http://www.caritas.pt/aveiro/>

CÁRITAS DIOCESANA DE AVEIRO (2012). Relatório de Atividades - Gentilmente cedida pela Cáritas Diocesana de Aveiro em 19 de Novembro de 2013.

CÁRITAS DIOCESANA DE AVEIRO, (2014) Relatório de Atividades 2013- Gentilmente cedida pela Cáritas Diocesana de Aveiro em 15de Maio de 2014.

CARVALHO, L. (2003) How could we equalize welfare? Rethinking the welfare state in western societies. 15 Annual Meeting on Socio-Economics, SASE 2003, Knowledge Education and Future Societies, Aix-en-Provence, França.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2006). Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem. Consultado em 02/12/2013, disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2006:0033:FIN:PT:PDF>

DIAGNOSTICO SOCIAL DO CONCELHO DE AVEIRO. Pagina Consultada em 20/10/2013.Disponível em:

<http://www.cm-aveiro.pt/www/cache/imagens/XPQ5FaAXX25716aGdb9zMjjeZKU.pdf>

DORNELAS, José Carlos Assis.(2001) Empreendedorismo: Transformando Ideias em Negócios. 3 ed. Rio de Janeiro, Campus. Consultado em 04de Dezembro de 2013, Disponível em: http://paraiso.ifto.edu.br/docente/admin/upload/docs_upload/material_0cc3c0ef29.pdf

DEES, J. G. (2001), O Significado do Empreendedorismo Social, Tradução de The Meaning of "Social Entrepreneurship", Center for the Advancement of Social Entrepreneurship, The Fuqua School of Business, Duke University.

Página consultada a 10 de Março 2014. Disponível em: http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf

DOLABELA, Fernando (2008), Entrevista. Revista Atividades e Experiências. Página consultada a 25 de Março de 2012. Disponível em: http://www.educacional.com.br/revista/0408/pdf/06_Entrevista_FernandoDolabela.pdf

DRUCKER, Peter F. (1997), Inovação e gestão. Lisboa: Editorial Presença.

ESTATUTOS DA CÁRITAS DIOCESANA DE AVEIRO (2008) Gentilmente cedida pela Cáritas Diocesana de Aveiro em 19de Novembro de 2014.

FERREIRA, José Soares (2009), Empreendedorismo Social e Sustentabilidade. Revista Exit, nº21, Ano 6, pp. 29-30. Página consultada em 01 de Março de 2014. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/36010682/Magazine-EXIT-21-Social-Entrepreneurship-and-Sustainability>

FERREIRA, Sílvia (2006), Empreendedorismo, capacitação e mudança social, Boletim Vozes do Centro, NRC REAPN. Página consultada em 18 de Fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/526_REAPN.pdf

FILION, Louis Jacques.(2004),Um roteiro para desenvolver o empreendedorismo. Recife: IEL Página consultada a 14 de Março de 2014. Disponível em: http://www.oei.es/etp/roteiro_desenvolver_empreendedorismo_filion.pdf

GEM Portugal, (2011). Estudo sobre o Empreendedorismo. Consultado em 08 de Dezembro de 2013. Disponível em: http://www.spi.pt/UserFiles/File/Documentos/71/GEM_Portugal_2011.pdf

HESPANHA, Pedro (2008), "Políticas Sociais: novas abordagens, novos desafios", *Revista de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Brasil*, 39, 1, 5-15.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. (2011) Censos 2011. Pagina consultada em 21 de Outubro de 2013. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main

JORNAL OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA (2011) Cooperação europeia no domínio do ensino e da formação profissionais para apoiar a Estratégia "Europa 2020" Pagina consultada em 03 de Março de 2014 Disponível em: https://www.igfse.pt/upload/docs/2012/2012_C_380E_10.pdf

LOURENÇO, Anabela *et al* (2008), *Balanço de competências-chave para o empreendedorismo – Manual de apoio ao facilitador*. Alte: Start.

LE BOTERF, Guy, (1997). Evaluer les competences: quels jugements? quels critères? Quelles instances? IN *Education Permanente*, n° 135:143-151

LE BOTERF, Guy, (2005). *Construir as competências individuais e colectivas*. Porto: Asa Editores.

OLIVEIRA, M. (2008). *Empreendedorismo Social: Da teoria à prática, do sonho à realidade*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora.

OLIVEIRA, M. (2010), *Gestão e pedagogia empreendedoras urgem Educador-Empreendedor*. ECCOM, v.1, n.2, 55-60, Jul./Dez. Página consultada a 1 de Março de 2014. Disponível em:

<http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/407/263>

PEREIRA, Cristina (2004) - A emergência de um paradigma construtivista e relacional na educação-contributo para uma reflexão. *Psychologica*. ISSN 0871-4657. N.º 36 (série extra), p. 377-386. Disponível em: http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/840/1/CP_%20Emerg_377-386.pdf.

Consultado em 10 de Março de 2014

PORTELA, José; Hespanha, Pedro; Nogueira, Cláudia; Teixeira, Mário Sérgio; Baptista, Alberto (2008), Microempreendedorismo em Portugal. Experiências e perspectivas. Lisboa: Inscoop

PROJETO RIAGIR. Pagina consultada em 20 de Setembro de 2013. Disponível em: <http://riagir.pt/>

REDFORD, D. (2013). Handbook de educação em empreendedorismo no contexto português Porto : Universidade Católica Editora consultado em: 03 de Dezembro de 2013
Disponível em:http://www.uceditora.ucp.pt/resources/Documentos/UCEditora/Indices/indice_handbook.pdf

SARKAR, S. (2010) Empreendedorismo e Inovação. 2ª ed Lisboa : Escolar Editora

SEELOS, C.; MAIR, J. (2005) Social entrepreneurship: Creating new business models to serve the poor. Business Horizons, V. 48, nº 3.

SEN, A. (2000) El desarrollo como libertad. Editorial Planeta, S.A. - Barcelona, España.

WORLD ECONOMIC FORUM (2009), Educating the Next Wave of Entrepreneurs. Unlocking entrepreneurial capabilities to meet the global challenges of the 21st Century. Executive Summary Report on Entrepreneurship Education, Suíça. Página consultada a 19 de Fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.stanford.edu/class/e140/e140a/handouts/Educ_Next_Wave_Entrepreneurs.pdf